

1. INTRODUÇÃO

O curso de Produção Cultural oferece aos seus ingressos uma base teórica bastante robusta. As discussões acerca das dimensões políticas, filosóficas, antropológicas e sociológicas da cultura são diariamente presentes, bem como as discussões sobre as teorias da comunicação e suas aplicações.

Entretanto, a profissão do Produtor Cultural exhibe uma outra faceta: a prática! E o que isto significa? Que além do referencial teórico, alguns dos produtores culturais em formação se inclinam muito mais para a parte “prática” do curso, como costumamos designar, e eu fui uma destas pessoas.

Desde minha entrada na Facom/UFBA, meu desejo sempre foi o de aperfeiçoar meu lado prático enquanto produtora de eventos e artistas, não deixando o lado teórico esquecido, pois este nos dá condição de enxergar os produtos e eventos culturais a partir de um novo espectro, sob a luz de diversos conceitos e problemáticas que enriquecem nossa compreensão de sua importância e necessidade.

Por tudo isso, escolhi para trabalho de conclusão de curso o desenvolvimento de um produto cultural, que une importância nas duas frentes, já que pode desenvolver eventual interesse público para sua comercialização e, de certa maneira, importância na preservação e fomento de uma cena específica: a do rock soteropolitano.

A escolha do tema se deu por conta do meu interesse pessoal pelo rock. Durante a graduação, realizei alguns trabalhos em diversas disciplinas abordando este tema, o que me possibilitou reunir um *background* para chegar até o desenvolvimento deste. Além disto, atualmente atuo no mercado da música independente de Salvador, mais especificamente com bandas que tocam rock na noite soteropolitana e animam festas, e, desta forma, realizar esta pesquisa me possibilitou o (re)conhecimento da área na qual pretendo continuar atuando após a graduação.

A intenção aqui é oferecer um mapa visual da história do rock feito em Salvador a partir da opinião de quatro entrevistados, além da minha. Escolhidos pela sua importância e atuação em

alguma das esferas da cadeia produtiva local, seja a produção, a distribuição, a criação, a promoção, entre outras, todos os colaboradores são reconhecidos pelo trabalho que desenvolvem e contribuição com a cena local.

Sem a pretensão de possuir um aprofundamento sociopolítico na história da música, este produto se propõe a ser um registro de parte da produção musical da cena *rocker* da cidade, e até mesmo uma forma de homenagem ao gênero, na ocasião representado pelos atores¹ mapeados, que por sua vez alcançaram notoriedade neste segmento em determinadas épocas.

A *Salvador Rock Tree* objetiva ter um caráter informativo e lúdico. Os quatro colaboradores, em entrevistas a mim concedidas, dissertaram sobre seus conhecimentos e preferências a respeito o rock feito na capital da Bahia, desde seu surgimento até os dias atuais. O produto final é uma ilustração que traz o desenho de uma árvore que está dividida em seções que simbolizam cada década e revelam a cronologia da história contada através da disposição dos atores nela contidos.

A inspiração do trabalho está na *Jazz Tree*, um desenho do que seria a árvore genealógica do jazz americano, feita nos Estados Unidos, materializada em forma de pôster e/ou quadro. Amplamente difundido, inclusive na internet, este material é facilmente encontrado.

Este trabalho de conclusão de curso está dividido em memorial descritivo e produto. No primeiro momento, busco fazer um breve panorama sobre a história do Rock no mundo, desde seu surgimento a partir do *crossover*² entre ritmos negros e rurais nos Estados Unidos, até seu desenrolar através das décadas. Trago também um panorama sobre os movimentos roqueiros no Brasil, para, desta forma, buscar compreender quais são as raízes do gênero e possíveis influências sofridas por nós do lado de cá.

No terceiro tópico, aproximo a lente da discussão e abordo, em *E Rock é coisa de baiano?*, aspectos da cena roqueira da Bahia e, por conseguinte, de Salvador. Neste tópico, além da problematização de alguns aspectos desta cena, retrato fatos relevantes, momentos históricos e opiniões marcantes dos entrevistados. É neste tópico que se cria o contexto necessário para

¹ Elementos de destaque dentro de cada década, elencados por mim para compor a *Salvador Rock Tree*, podendo ser bandas, pessoas, locais, eventos e outros.

² Cruzamento.

compreender a escolha dos atores que compõem a *Salvador Rock Tree*, bem como sua metodologia de investigação e análise de dados, também abordados neste tópico.

Seguindo, descrevo o produto em si, quais foram as etapas de trabalho e as transformações sofridas durante o processo. Ressalto quais foram minhas posições diante de tais situações e também justifico algumas escolhas, como as cores, elementos e algumas analogias da peça, buscando elucidar as motivações que me levaram a deixar o produto da forma como está sendo apresentado.

Por fim, apresento as considerações finais, onde trago um resumo dos problemas enfrentados por mim no percurso de feitura do trabalho, da mesma forma que enxergo possibilidades de ampliação desta ideia, algumas questões, proposições e sugestões, para finalizar o trabalho oportunizando algumas reflexões.

2. O BOM E VELHO (VELHO?) ROQUENRROU!

Entendo que buscar compreender o panorama mundial do Rock³ é fator importantíssimo para entender o Rock na Bahia. Embora sejam realidades completamente diferentes, não estamos descolados do todo, fazemos parte de um universo maior, que confere ao Rock esta unidade em alcance mundial. Para me ajudar a saber um pouco mais sobre esta história, e para conseguir reproduzi-la neste curto espaço de maneira sucinta, me apoiei em autores como Janotti Jr, professor conhecido pelos alunos da Facom/UFBA; Paulo Chacon, historiador, que, com seu livro *O que é Rock*, acaba sendo referência para boa parte dos pesquisadores da temática; Valéria Brandini e os *Cenários do rock: mercado, produção e tendências no Brasil*; além de artigos científicos, sites, programas de TV, revistas, jornais e até mesmo outros trabalhos acadêmicos de graduação e pós-graduação que discutem o tema do Rock no Brasil e no mundo.

O Rock, quase que unanimemente, é descrito como um estilo de vida, um comportamento, uma filosofia que, sobretudo, representa a juventude, mas não exclusivamente os jovens. Como diz Chacon (1982), “Majoritariamente, ele [o Rock] é representado pelos jovens no início da adolescência até o momento crítico da entrada nos tortuosos caminhos da linha de produção. Isto é, o nosso público é aquele que vai da primeira mesada ao primeiro salário”.

Mas o que é Rock, afinal? Existe definição? Alguns o definem com apenas uma frase: “Baixo, guitarra e bateria, batendo 3/4! Sem teclados, sem sopros e sem percussão”, como diz BigBross (informação verbal)⁴. É claro que esta definição acaba sendo restritiva, mas serve para ilustrar bem o que, de fato, eu acredito ser o rock: percepção. Cada um apreende para si e é, de certa forma, envolvido pelo Rock. Ele causa reação nas pessoas, e esta reação é particular e compartilhada. O Rock domina os corpos e as mentes e, quando Chacon (1982) propõe que se não há esta reação, não há rock, eu concordo.

As classificações dadas às produções, principalmente se tratando de música, são muito importantes e, no Rock, ainda mais. Classificar o Rock como estilo, como atitude ou como

³ Este termo é usado com inicial maiúscula por Paulo Chacon e outros autores para representar o Rock como movimento, e não como somente música. Resolvi adotar por concordar com sua argumentação.

⁴ Em entrevista concedida a este trabalho, em 6 jan. 2014.

filosofia de vida é inseri-lo num contexto mais abrangente e, por isso, é necessário entender que não é somente a música que determina este contexto. Para compreender a complexidade do Rock – principalmente por ser esta música que pode ter tantas subdivisões quanto for possível alcançar sua criatividade –, me utilizo das palavras de Janotti Jr. (2006) para classificá-lo como gênero e entender o que compreende a complexidade deste universo roqueiro e suas nuances:

O gênero musical é definido, então, por elementos textuais, sociológicos e ideológicos, é uma espiral que vai dos aspectos ligados ao campo da produção às estratégias de leitura inscritas nos produtos midiáticos. Na rotulação está presente um certo modo de partilhar a experiência e o conhecimento musical, ou seja, dependendo do gênero, elementos sonoros como distorção, altura e intensidade da voz, papel das letras, autoria e interpretação, harmonia, modo, melodia, ritmo ganham contornos e importâncias diferenciadas.

2.1 ANOS 50

Partindo para um panorama da história do Rock mundial, ele, que é um senhor nascido na romântica década de 1950, fez questão de criar uma revolução por onde aconteceu. Desde sua invenção, é uma válvula de escape para anseios sociais, pessoais ou simplesmente diversão. Mas, naqueles anos, ele teve também importância política quando era a voz de músicos negros que sofriam preconceito extremo nos Estados Unidos ainda segregacionistas.

Tratando de dar novos ares à música e ao comportamento dos jovens daquela época, regidos pelo *establishment*⁵ do *way of life*⁶ americano, o rock and roll, que surgiu de uma arrumação entre a *country music*⁷, o blues, o *rhythm and blues*, a música gospel, entre outros estilos, abriu uma trincheira na música e deu vida ao gênero musical mais popular do mundo.

Segundo palavras de Glauber Guimarães, músico e compositor baiano, em entrevista⁸ ao programa *Soterópolis*⁹, no quadro *Amplificado*, o rock surgiu quando:

⁵ Conjunto de normas que regeu a sociedade americana baseado na influência dos interesses das classes elitistas e dominantes nas esferas políticas, sociais e culturais.

⁶ Estilo de vida.

⁷ O termo *country music* começou a ser usado na década de 1940, nos Estados Unidos, quando o termo original e precedente, música *hillbilly* (música caipira), foi considerado degradante, e o novo termo foi abraçado amplamente na década de 1970, enquanto *country and western* caiu de uso (WIKIPEDIA, [s.d.]).

⁸ Disponível em: <http://youtu.be/h72Gw323QHA>.

[...] O blues influenciou o country e o country influenciou o blues, e isso se fala pouco. [...] O primeiro cara a unir essas duas coisas, por exemplo, foi o Ray Charles. E os primeiros roqueiros faziam exatamente isto, blues, country music e um pouquinho de outro estilo de música country, o western swing, que é o swing de banda, mas com música country também. A junção destas coisas todas que formou o rock and roll e o seu primo caipira, que é o rockabilly.

Naquela época, os meios de comunicação tiveram papel fundamental na difusão desta nova música, então em surgimento. O rádio e a TV, nos Estados Unidos, eram o maior portal de ligação entre o rock e as pessoas em suas casas. O cinema teve também sua parcela de contribuição, unindo a imagem dos jovens rebeldes com o balanço daquela música. Havia um contexto fértil para subverter o que estava posto como comportamento padrão na sociedade.

Outros nomes, além de Ray Charles, fizeram história no rock na década de 1950 mundo afora. Falar de rock nesta década e não citar nomes como Chuck Berry, Bill Halley, Jerry Lee Lewis, Fats Domino e Little Richards, além, é claro, do nome da década, Elvis Presley seria impossível. Este que foi o primeiro branco a adentrar no mundo da música negra e a balançar sua pélvis se apresentava de forma completamente sexual, o que afrontava as famílias conservadoras, inspirava os meninos com suas jaquetas de couro e lambretas e assanhava as meninas.

Sabendo do grande potencial que a música negra possuía e tentando tirá-la dos guetos para apresentá-la ao grande público, o coronel Parker, empresário de Presley, foi visionário ao sugerir que “no dia em que eu achar um branco que cante como um negro, ficarei rico”. Ficou.” (CHACON, 1982).

Esta fase inicial da história do rock and roll foi tão importante e marcante que até hoje presenciamos inúmeras bandas, em todas as partes do planeta, que conservam esta plástica e estética, tanto em sua sonoridade quanto no seu visual, além de fãs apaixonados pela música feita há mais de 50 anos.

No Brasil, o rock teve seu *debut* nesta mesma década, quando o que predominava, musicalmente, era a Bossa Nova, que tinha João Gilberto como um dos seus maiores ícones, além de outros nomes que faziam a cabeça dos jovens daquela época, muito admirados, fonte de

⁹ Programa de arte, cultura, comportamento, educação e ciência, focado na capital e também no interior da Bahia. É exibido pela TV Educativa da Bahia (TVE).

inspiração para os músicos e apreciadores de suas obras. Entretanto, em meados da década, na mesma trilha da terra do Tio Sam, o Rock chega ao Brasil, timidamente no início, mas ganhando força com o passar do tempo.

O primeiro relato de que se tem notícia em relação ao Rock em terras tupiniquins é registrado, surpreendentemente, na voz de uma mulher, chamada Nora Ney, que, até então, cantava canções de bolero e samba canção. A música foi a *Rock around the clock*, gravada em inglês para o disco intitulado *Ronda das horas*, da gravadora Continental, em 1955. O desconhecimento e estranhamento com o novo gênero em surgimento foi tanto, que o disco foi catalogado pela gravadora como foxtrote. Não sabiam eles, ainda, que Nora estava mesmo era dando o pontapé inicial do Rock no Brasil.

Assim como Nora Ney, outros artistas também se apropriaram do novo som que pintava e gravaram suas canções já com a adição da guitarra elétrica, como Betinho & Seu Conjunto, com a música *Enrolando o Rock*, cantada em português, em 1957. Também se pode citar Cauby Peixoto, com a música *Rock and roll em Copacabana*, e os irmãos Tony e Cely Campelo, esta última que estourou com o sucesso *Estúpido cupido*, em 1959, que até hoje figura em qualquer festa temática da década.

Como nos Estados Unidos, o cinema teve grande papel na difusão do Rock aqui no Brasil. A música gravada por Nora era trilha e dava nome ao filme, em português, *Ao balanço das horas* – um musical que conta a história do surgimento do Rock e que traz diversos sucessos daquela época. Outro longa-metragem emblemático, intitulado *Sementes da violência*, quando exibido nas cidades brasileiras, causou reações adversas em seus espectadores, há relatos de cinemas quebrados e muita rebeldia. Enfim, o Rock se instala no Brasil.

Assim se deu o ingresso do Rock no nosso país, o que não nos concedia, ainda, um status de país “autônomo”, por assim dizer, na criação de canções deste gênero. Segundo Morize (1998):

Não existiam legítimos roqueiros brasileiros (vide Nora Ney a Rainha do Rádio e da fossa) [...] o casamento do gringo com o brasileiro era assimilado e reproduzido com nosso sotaque pelos músicos de então: Playings ou Titulares do Ritmo – músicos de jingles em inglês, Herve Cordovil – parceiro de Noel Rosa e Luiz Gonzaga, Miguel Gustavo – autor de marchinhas carnavalescas, Betinho e seu conjunto – que gravou em 1957 *Enrolando o Rock* de autoria dele e de Heitor Carillo, Mario Genari Filho e seu

conjunto – do qual fazia parte Sergio Campelo, mais tarde conhecido por Tony Campello e Ron Coby – o “nosso” Cauby Peixoto foram os pioneiros. Ron Coby foi o nome com que Cauby assinou seu primeiro álbum – LP - gravado nos EUA com a orquestra de Paul Weston. O rock nacional começava a ganhar cantores brasileiros com nomes “americanos”, roupas espalhafatosas e produzidas [...]

2.2 ANOS 60

Na década de 1960, depois do espaço aberto pelos precursores do rock and roll, o mundo é apresentado à rebeldia, à transgressão e aos, sem dúvida, maiores nomes da história do rock e da cultura pop, aquela que “englobaria a cultura midiática surgida no século XX” (JANOTTI JR; CARDOSO FILHO, 2006). Nesta fase, os Estados Unidos tinham perdido seus grandes nomes. Elvis no exército, alguns músicos presos, enquanto outros viraram cristãos protestantes: isso acabou abrindo uma lacuna na produção de rock americano. Foi aí que na Inglaterra surgiram as bandas que revolucionariam o mercado cultural da música. Os britânicos foram os responsáveis por transformar e difundir de vez a cultura do Rock, que ainda era mal visto e um pouco desacreditado. Os nomes destas personagens são impossíveis de errar: a eterna “dobradinha” inglesa Beatles e Rolling Stones. Duas bandas completamente diferentes, mas iguais em dois aspectos: fenômeno e genialidade. “O texto de John Lennon, a voz de Mick Jagger, o arranjo de Paul McCartney, a bateria de Charlie Watts e os solos de George Harrison ou de Keith Richard representam o índice maior de que, caso Deus exista, o Homem foi mesmo feito à sua imagem e semelhança” (CHACON, 1982).

Inspirados pelo rock americano calcado na música negra, os meninos de Liverpool e os Stones causaram um verdadeiro *boom* na música mundial. Cada uma das bandas possuía características muito peculiares no que diz respeito ao som que faziam e à imagem que passavam, mas, independentemente disto, a década de 1960 foi divisora de águas na história do Rock, pois, no fundo, todas as bandas que vieram após os britânicos encontraram seus espaços graças ao caminho aberto por eles. Segundo as palavras de Sérgio Martinez¹⁰, também concedida ao quadro *Amplificado* do programa *Soterópolis*, a grande diferença entre os Beatles e os Rolling Stones era a forma como se expunham na mídia e a postura adotada por cada uma das bandas:

¹⁰ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=p51s6NUIoxA>.

Essa história de que os Beatles eram bonzinhos era mais ou menos a forma como era vendida a imagem, porque os Beatles não eram bonzinhos nada. O empresário da banda tentou aparar estas arestas e fazer deles uma banda mais vendável, inclusive mais aceitável para a sociedade inglesa. O outro empresário, o dos Stones, ele pensou pelo outro lado, ‘esta banda já existe, está banda já é absoluta’, então vamos fazer pelo outro lado. Então vamos exacerbar isso que os Stones já têm, que é essa decadência, essa rebeldia [...]

Na segunda metade da década de 60, o movimento hippie foi exponencial na sociedade, e os jovens – maior público alvo do Rock – e as próprias bandas foram influenciados por esta filosofia, o que deu um ar mais psicodélico à sonoridade de alguns grupos e proporcionou o surgimento de muitos outros. Além disso, a esta altura, o Rock já ganhara espaços gigantes para a realização de seus concertos. Grandes festivais eram realizados e cada vez mais adeptos ao gênero musical se engajavam.

Para fechar a década, em 69, acontece o *Festival Woodstock*, onde a tríade sexo, drogas e rock and roll foi levada ao pé da letra – se é que não foi inaugurada lá – e a junção dela com a filosofia de liberdade do movimento hippie foi como pólvora e fogo. Três dias de muita gente, loucura e música.

Além dos grandes nomes do rock mundial surgidos na década, não se pode deixar de citar também referências como Eric Clapton, Bob Dylan, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Stooges, The Doors, Pink Floyd e The Who, este nos Estados Unidos, também mitificados pela história do rock e seus admiradores e estudiosos. A contribuição destes nomes também pode ser observada até hoje, quando encontramos bandas que se espelham em seus trabalhos e se inspiram em seu estilo, atitude e técnica. Esta leva de artistas já começa a demonstrar a diversidade crescente que o gênero apresentaria.

Diversos nomes de sucesso nacional fizeram história neste período, e até hoje alguns estão na ativa. Possivelmente, as novíssimas gerações de roqueiros podem não saber que Roberto Carlos, por exemplo, foi um dos cabeças-chaves no movimento da Jovem Guarda no Brasil – junto com Erasmo Carlos e Wanderléa –, e que era roqueiro inspirado no rock and roll dos anos 50 e em alguns contemporâneos, como os Beatles. Considerados como os reis do “Iê-iê-iê”¹¹, a Jovem Guarda foi um movimento de moda, música e comportamento. Além destes nomes, estão

¹¹ “Iê-iê-iê” vem do refrão da música *She loves you*, dos Beatles.

outros como Renato e Seus Blue Caps, Os Incríveis e The Fevers como pertencentes a este movimento que cantava “o meu benzinho e o amorzinho” em suas letras românticas e melosas.

Não se pode relevar o contexto político do Brasil naquela época. Com a instalação da ditadura no país, fazer música por aqui não foi nada fácil e grandes nomes se destacaram por sua coragem de enfrentar toda a brutalidade dos anos de chumbo através de letras de contestação e protesto. A Tropicália cumpriu bravamente este papel e nomes como Caetano Veloso e Gilberto Gil sofreram na pele a consequência de suas letras e atitudes.

O Tropicalismo também foi um movimento surgido no Brasil nos anos 60 e que se caracterizou como rock feito naquela época, como uma tentativa inovadora de unir o que existia na música de fora do Brasil com a música popular brasileira. Com MPB, rock, guitarra elétrica e psicodelia, com jeitão de festa popular de rua, os tropicalistas romperam fronteiras musicais e apresentaram uma música brasileiríssima recheada de diversos elementos. Embora tenham sido contestados enquanto rock por alguns, no Brasil, era isto que se fazia como forma de expressão da juventude em relação ao discurso político e, não considerando só o som, esta era a essência do Rock juvenil. Chacon (1982) destaca que foi “o Tropicalismo, e não a Jovem Guarda, que antropofagicamente conduz o Rock no Brasil até a entrada da década de 70” e criticava o posicionamento raso – tanto nas letras quanto na técnica musical dos jovem-guardistas – em relação ao contexto político no Brasil.

Outro grupo que, já no final da década de 60, fez muito sucesso foi Os Mutantes, que, seguindo a tendência mundial do psicodelismo, tinha um som ardiloso cheio de distorções de guitarra, rock e diferentes elementos que davam o tom experimental de sua obra. Formado por Rita Lee, Arnaldo Antunes e Sergio Dias, Os Mutantes fizeram parte do movimento Tropicalista em determinada fase de sua existência.

2.3 ANOS 70

Assim como o surgimento dos Beatles transformou a história deste gênero musical, sua dissolução também teve o mesmo impacto. Com o rompimento do aclamado grupo britânico, se

inicia mais uma revolução no Rock. Tudo se transformou e a música feita na década anterior deu seu lugar de destaque a outros atores.

O rock progressivo, surgido ainda nos anos 1960, que tinha o som mais rebuscado, mesclado com música erudita e outros elementos, apresentando músicas longas, *riffs*¹² enormes e apresentações virtuosas, acabou caindo na mesmice. Com esta lacuna, quem não tinha vez com sua música “suja” e agressiva começa a ganhar espaço para se mostrar ao mundo. Surgem, então, bandas como Aerosmith – na ativa até hoje –, AC/DC e Led Zepellin, grandes nomes do chamado Hard Rock, que, com o passar dos anos, abrem portas para o surgimento de um dos mais marginais e apaixonados segmentos do rock. As guitarras ganharam mais importância e, por consequência, o som ganhou mais corpo, mais peso: era o *heavy-rock*.

Na primeira vez que alguém distorceu uma guitarra inaugurou uma outra variante do Rock que representaria sua imagem estereotipada aos frágeis ouvidos do não-iniciado: o heavy-rock (Rock-pesado), ou rock-pauleira, como é mais conhecido, quebrava com as sequências mais melodiosas do Rock-tipo-Beatles e atendia a um mercado mais feroz e ansioso por uma batida mais violenta que faria Chuck Berry parecer o terceiro violino da Filarmônica de Nova York. (CHACON, 1982)

Em 1970, é lançado o primeiro álbum homônimo do Black Sabbath, que inaugurou o estilo heavy metal no mundo e abriu as portas para uma infinidade de subdivisões deste estilo com o passar dos anos. O metal, como é chamado pelos seus apreciadores, tem o seu som calcado em alguns elementos como a música erudita, guitarra distorcida, *riffs* e temas muitas vezes polêmicos e que fugiam às temáticas vigentes em suas letras. Porém, o metal não arrebatava seus seguidores só pela música, mas por toda uma proposta estética e comportamental que incorpora o caráter de tribo aos seus milhares de fãs.

Como relata Brandini (2007), “Nos anos 70, em contraposição ao ‘paz e amor’ hippie, o punk rock se manifestou pelo lema ‘No future’”. O som era rápido, agressivo e certeiro. Técnica de menos e atitude de sobra, rendeu ao movimento punk, iniciado pelos americanos – na figura dos Ramones e consolidado pelos ingleses do Sex Pistols –, uma legião de jovens que consumiam esta cultura de forma absoluta: se vestiam punk, se comunicavam punk e viviam punk.

¹² Progressão de acordes, intervalos ou notas musicais, que são repetidas no contexto de uma música.

Desenvolvido sob a perspectiva da ideologia *Do it yourself*, que, em português, é “faça você mesmo”, oportunizou o desenvolvimento de uma cena marginal, onde selos e discos foram lançados e havia uma estrutura organizada que se desenvolvia longe dos holofotes da grande mídia. Avessos às práticas glamourizadas e ao chamado *mainstream*¹³ – que não deixava brecha para suas apresentações e expressão de seu modo divergente de ver o mundo –, o “faça você mesmo” foi a forma que o movimento punk encontrou de arregaçar as mangas, abrir as portas das garagens e pequenos pubs e estourar os tímpanos dos desavisados com a violência dos três acordes e do rock “sujo”.

No Brasil, a década de 70 foi o momento de total afirmação do Rock feito por brasileiros. Ainda sob a influência do regime militar, nesta fase, as músicas possuíam muito engajamento social, porém de maneira sutil para que as tesouras da censura não pudessem coibir a expressão da indignação da juventude. Grupos como Os Mutantes, Secos & Molhados, O Terço, Som Nosso de Cada Dia, Bixo de Seda, entre outros, faziam seus trabalhos circularem.

Como capítulo à parte na história da música no Brasil, temos o embaixador do rock, Raul Seixas, o Raulzito, que aparece nesta década com uma música totalmente diferente do que já havia. O som não era pesado, tinha, inclusive, muita influência das músicas dos anos 50; porém, a atitude transgressora do “Maluco Beleza” e de suas letras não deixava dúvidas a ninguém de sua roqueirise.

No Brasil, está também foi a década em que o Rock ganhou mais espaço e começaram a acontecer os grandes festivais e eventos voltados para o gênero. Há quem diga que a década de 70 para o rock nacional foi a “década perdida”, porém, acredito que cada período possua suas peculiaridades e características e, sobretudo, seu valor. Gostar ou não gostar parte para uma discussão que não cabe neste espaço.

2.4 ANOS 80

Esta década é marcada por uma importante bifurcação no rock. Com o final da década de 70 e também a perda de um pouco da força do movimento punk, o universo roqueiro se depara

¹³ Pode ser traduzido livremente para “fluxo principal”.

agora com duas linhas bem opostas de música: o pós-punk, com suas letras melancólicas e sua música triste, e, do outro lado, a new wave, que, com suas musiquinhas dançantes e roupas extravagantes, marcou esta década pela proposta estética de seus figurinos coloridos, colados e brilhantes. A extravagância não era vista somente nas roupas e performances: a música na new wave era recheada de influências de vários lugares:

Fácil dizer que ela recolhe ritmos do reggae jamaicano de Peter Tosh, Jimmy Cliff e Bob Marley, um dos primeiros movimentos terceiro-mundistas a vingar nas metrópoles. Também é tranquilo perceber nela o espírito dançante que o Rock sempre teve e que a discoteca ajudou a recuperar. Tão fácil quanto indicar que sua politização (vide LP *Sandinista*, The Clash) é retomada do punk. (CHACON, 1982)

Há quem considere a new wave uma das piores coisas que aconteceram no mundo rock, já que a música mais pesada da década passada nada tinha a ver com o que acontecia naquele momento. Bandas como The Smith e The Cure apresentavam um repertório com letras carregadas de poesia e lirismo e com um toque de balanço. Outras bandas que também fizeram sucesso seguindo esta mesma linha foram Talking Heads, The Clash e The Police.

O pós-punk foi uma segmentação melancólica do punk, por assim dizer. Assim como a new wave, as músicas eram marcadas pela poesia e letras profundas, porém muito tristes e emblemáticas. O maior ícone deste segmento é o Joy Division. Nesta época, também ganhou destaque o U2, banda que começou sua carreira com músicas de protesto, amparada no guarda-chuva do pós-punk; entretanto, anos mais tarde, modificaram o teor do seu som e se transformaram num pop rock mais popular.

É claro que outras propostas também surgiram, como o hardcore, uma “evolução” do punk rock dos anos 70, com um som mais pesado e acelerado e com letras ainda mais ácidas e altamente críticas em relação à sociedade. Também, já no finalzinho da década, houve a inauguração do chamado funk metal, que tinha o Red Hot Chilli Peppers como seu representante, lançando seu primeiro disco. Coisas menos valorizadas como o glam metal também estavam acontecendo.

Vale a pena ressaltar um fato importante que aconteceu nesta década, e que pode justificar muito a valorização da imagem e da performance das bandas desta época. Em 1981, surge a

Music Television (MTV), que começa um processo de valorização do audiovisual, gerando a necessidade de algumas bandas se preocuparem com isto e investirem nesta proposta.

No Brasil, o período foi um dos mais férteis em termos de produção e consumo do rock. Bandas referências, o boom do rock nacional e um estrondoso sucesso de bandas aclamadas até hoje são o legado dos anos 80. Nesta década, era fácil perceber que as letras, também muito poéticas, eram ligadas a questões mais urbanas e contestatórias, sobre a realidade do país, reflexo do momento político e influenciadas pelo punk e o pós-punk:

Os paradoxos da modernidade, em um país que em sua essência não é moderno, provocam nesses sujeitos jovens uma grande mudança, uma verdadeira revolução no campo da música, em que o rock é um elemento de contestação e ligação da geração em debate. A partir dessa grande manifestação cultural, os dilemas da modernidade passam a ser questionados (PRADO, 2011).

Maiores exemplos deste apanhado de referências são o Legião Urbana e Cazuza. Além deles, os anos 80 renderam ao Brasil uma grande safra de bandas e artistas que seguiram basicamente pela mesma linha, como Barão Vermelho, Ultraje a Rigor, Ira!, Titãs, Os Paralamas do Sucesso, Engenheiros do Hawaii, Plebe Rude, Aborto Elétrico e Lulu Santos.

Numa inclinação um pouco mais new wave, tivemos bandas como RPM, Blitz e Kid Abelha, que fizeram bastante sucesso tocando músicas dançantes, baladas e letras mais açucaradas e divertidas.

2.5 ANOS 90

Com o passar dos anos, a quantidade de bandas e estilos que se desenvolveram em todos os lugares ao mesmo tempo é incrível. Impossível resgatar tudo, e os anos 1990 foram, definitivamente, uma década de profusão de bandas. Resumir tanta produção em algumas linhas é até injusto, mas alguns segmentos obviamente ganharam maior projeção, o que é normal dentro de qualquer passagem de tempo, e a seleção natural acaba se encarregando de mostrar estes personagens.

Pode-se dizer que os maiores fenômenos desta década foram o grunge e o new metal, isto levando em consideração o alcance e o impacto causado por estes segmentos. No primeiro grupo, o grande nome foi o Nirvana, banda de Seattle, que, embora iniciada no final dos anos 80, alcançou projeção internacional nos anos seguintes. Não tem o que discutir acerca do maior representante grunge de todos os tempos. Há quem diga que foram os únicos reais representantes. Bandas que possuem sonoridade parecida, e acabam se encaixando nesta definição, são: Pearl Jam, Soundgarden e Alice in Chains. Não são unanimidades em relação à filiação ao grunge, mas estão ali contemporâneos ao Nirvana e correndo em paralelo.

Passando para o new metal, no ano de 93, os californianos do Korn saem da pequena Bakersfield para correr o mundo com suas guitarras totalmente subtonadas, o baixo figurando como instrumento de percussão e a bateria cadenciada revelando um toque de funk metal, além do vocal estridente que mistura berros e sussurros em letras que falam da vida e experiências traumáticas de seu autor. Isso toma conta da juventude, acomete os adolescentes com a realidade contida nas letras e os captura por justamente representar seus anseios e angústias. O Korn inaugurou este segmento do metal que gerou uma extensa lista de bandas que surgiram na sua carona, como Deftones, Slipknot, Linkin Park, Limp Bizkt, Otep e Papa Roach. Até hoje, mesmo tendo perdido fôlego, o chamado *nu metal*¹⁴ ainda conta com uma grande quantidade de adeptos.

Muitos outros derivados do heavy metal também surgiram durante os anos 90. Com a associação de diversos elementos que acabaram por dar uma nova roupagem ao metal tradicional, criou-se uma segmentação tão complexa que já existem documentários¹⁵ específicos sobre o metal que buscam entender suas origens e avaliar as transformações dentro do subgênero. Para situar, alguns dos segmentos do metal que tiveram destaque durante os anos 90 foram: black metal, metal alternativo, death metal, entre outros.

O rock britânico também teve seu espaço nesta década. Bandas como Oasis e Green Day fizeram muito sucesso nas *hit parades* da MTV. Junto com bandas como a Blink-182, Sum 41 e The Offspring, foram os carros chefes do chamado pop-punk.

Aqui no Brasil, uma tendência forte era a mescla do rock com elementos regionais ou outros estilos, a exemplo do Charlie Brown Jr., que fundiu o rock com rap, beat box e um pouco

¹⁴ Fala-se “nu” metal por causa da pronúncia da palavra “new”.

¹⁵ Ver *Metal Evolution*, disponível no site *YouTube*.

de surf music, receita que deu certo e fez muito sucesso. Outro caso de junção de diferentes estilos foi a banda Raimundos. Hardcore com música regional, forró e embolada gerou uma bomba relógio que trazia letras que contavam histórias de forma engraçada e que agitavam as multidões em festivais e shows Brasil afora.

Um exemplo mais radical dessa fusão de elementos regionalistas com o rock culminou no surgimento de um movimento fundamental para a música brasileira. Juntando os tambores do Maracatu – forte expressão da cultura pernambucana – com as guitarras distorcidas do rock alternativo, nasce o Manguebeat, movimento encabeçado por Chico Science e sua Nação Zumbi, que traziam letras que falavam puramente do cotidiano e do modo de vida dos pernambucanos arroteados pelo mangue.

O próprio Sepultura, que iniciava suas atividades ainda nos anos 80, estourou mundialmente com o disco *Roots*, destilando todo o seu trash metal brutal e músicas com letras em inglês. Sepultura, que foi a banda de rock brasileira que mais alcançou visibilidade internacional, está na ativa até hoje, mesmo com a transformação em sua formação original, que não conta mais com seu fundador, Max Cavalera.

Entre nomes de sucesso no rock brasileiro, já com uma sonoridade mesclada com MPB e outros elementos, temos Cássia Eller, O Rappa e Los Hermanos, que, embora tenham surgido com um primeiro CD mais influenciado pelo punk moderno, foi calcando sua sonoridade em elementos da MPB e outras músicas brasileiras. E em uma outra leva de bandas, que não podem ser classificadas como puramente rock, se encaixando mais no segmento pop rock, temos bandas como Skank e Jota Quest.

Foi aqui também que a MTV teve sua estreia no Brasil.

2.6 ANOS 00

Nunca esteve tão em evidência a discussão sobre a morte do rock.

Fato é que, nesta década, a velocidade com que as transformações no cenário rock vêm acontecendo é tão grande que o que era observado na primeira metade da década hoje pode já não fazer mais sentido.

Segundo fato é que existe hoje um grande saudosismo com épocas passadas, e isso se dá, acredito eu, porque o que está em evidência enquanto rock dos dias de hoje não é mais o que as gerações passadas gostavam e, aí, é chuva de críticas.

A música pop que definitivamente agarrou seu espaço durante os anos 2000 também é um indicador para os pessimistas do rock. Porém, outro fato é que o rock nunca parou de produzir. Quem gosta de heavy metal continua ouvindo heavy metal, quem gosta de punk continua ouvindo punk e quem gosta de rockabilly continua ouvindo rockabilly. Então, será que o rock morreu mesmo? Eu prefiro acreditar que não! As tendências mais evidenciadas é que podem não agradar, mas aí entra uma questão de preconceito por parte de alguns que insistem em nem se dar a chance de se abrir para o novo, afinal, todos mudamos. E o rock “atual” não mortifica o “antigo”. Tudo continuou acontecendo nos anos 00 e o novo também veio naturalmente.

Falar de anos 2000 é falar inevitavelmente do indie rock, que em nada tem a ver com a conotação desta mesma “etiqueta” de anos atrás: é um rock mais dançante, por assim dizer, feito por bandas que retomam as temáticas do pós-punk, porém de uma forma diferente, fruto da junção do rock com elementos de música eletrônica, pop e outras coisas. O indie rock foi tão disseminado nesta década que seria impossível catalogar aqui o nome de todas as bandas e segmentações dele, já que muitas ainda estão em formação e nem conseguiram ser “catalogadas”. Exemplo de sucesso desse cartel do indie rock são Kaiser Chiefs, Arctic Monkeys, Franz Ferdinand e Strokes.

Esta década também está sendo marcada pela crueza de algumas bandas, experimentalismos e influências de outras sonoridades, vide Queens of the Stone Age, The White Stripes, Kings of Leon, entre outros.

No Brasil, tivemos uma onda de bandas gaúchas como, Cachorro Grande, Bidê ou Balde, entre outras, que renderam até um disco do projeto *MTV ao vivo*¹⁶. Também tivemos Pitty, que, em 2003, depois de muito batalhar no *underground* baiano, conseguiu lançar seu primeiro disco solo e figurou como uma das maiores artistas do gênero na época.

Outros nomes que mantiveram vivas as chamas do punk rock e hardcore, claro que numa roupagem mais atual e letras mais juvenis, foram os Detonautas Roque Club, CPM 22, Dead Fish, entre outras.

¹⁶ Série de shows gravados ao vivo com artistas de destaque na música nacional.

Também surgiu no Brasil uma grande quantidade de bandas oriundas do emocore dos anos 1990 e que traziam também uma nova roupagem para o segmento. O “movimento” que ficou conhecido como “bandas coloridas” reúne roupas fluorescentes, óculos escuros, músicas alegres, retratando o cotidiano do público infanto-juvenil, que lhe concedeu status de sucesso absoluto.

Em todos esses anos, tivemos produções de todas as vertentes. O que ocorre é que em cada uma das décadas alguns segmentos se destacaram mais, por diversos motivos que passam de contexto político até movimentações da indústria cultural e da mídia. O que não pode ser esquecido é que o rock, seja ele feito onde for e em que período for, será sempre um movimento de resistência e de ressignificação, já que o que vai sendo absorvido pelo mercado acaba abrindo espaço para novas criações e inovações.

3. E ROCK É COISA DE BAIANO?

Como evidenciado no livro *Rock baiano: história de uma cultura subterrânea* (SACRAMENTO, 2002)¹⁷, obra seminal dos estudos sobre a história do rock baiano, este gênero musical foi sempre um movimento distante das atenções da grande mídia e da grande audiência em Salvador e na Bahia. Apesar das dificuldades enfrentadas, um público cativo foi se formando aos poucos, na medida em que bandas e artistas – muitos, hoje, considerados referência na música brasileira – surgiam na capital baiana e em seu interior, fortalecendo a produção do estado e promovendo sua resistência ao longo de todos estes anos.

Um dos primeiros contatos da Bahia com o rock ocorreu na década de 1950, com a exibição do filme *Sementes da violência* (*Blackboard jungle*, 1955), de Richard Brooks, em Salvador. Na ocasião, “cinemas foram depredados pela adrenalina dos *bad boys*. Na trama, os estudantes assumiam o controle da escola, ao som de Bill Haley, que fazia o papel dele mesmo cantando a clássica *Rock around the clock*” (CASTRO, [s.d.]).

Com o final da década de 50 e a entrada de 1960, a popularização da banda The Beatles impulsionou o surgimento na Bahia – e em diversos lugares do mundo – de artistas influenciados pelo quarteto de Liverpool. O rock por aqui tinha a Cidade Baixa como seu reduto nesta época, a exemplo do Cine Roma – local amplamente frequentado pelas bandas que realizavam apresentações em bailes e festas dançantes. Figura importante neste contexto era Waldir Serrão¹⁸, que, ainda adolescente, já se articulava na produção destes eventos, era músico e, futuramente, comunicador.

Neste período da história, deu-se o encontro de Raul Seixas com Waldir Serrão, ambos garotos moradores da Cidade Baixa, que viriam a ser, além de amigos, companheiros de trabalho e de rock, construindo uma importante parceria em músicas de sucesso e grande agitação na cena de rock daquela época.

¹⁷ Ednilson Sacramento, soteropolitano, é produtor cultural e um dos pioneiros na tentativa de contar a história do rock na Bahia.

¹⁸ Waldir Serrão, mais conhecido como Big Ben, foi amigo pessoal de Raul Seixas e fundador da banda Waldir Serrão e seus Cometas, de 1957.

Anos mais tarde, o cantor e compositor Raul Seixas, que um dia seria reconhecido como o principal nome do rock brasileiro, dava os primeiros passos de sua carreira. Raul Seixas foi o primeiro a sair da Bahia para “viver de rock” e ter destaque em outras regiões do Brasil. Ir para outros estados, sobretudo para o eixo Rio de Janeiro-São Paulo¹⁹, foi uma tendência que, nos anos posteriores, passou a se repetir com frequência na carreira de bandas e artistas de rock surgidos em Salvador e que queriam, de alguma forma, sobreviver de música. Em muitos casos, este fenômeno causou uma sensação de esvaziamento na cena de roqueira.

Na década de 1970, o rock baiano acompanhou uma outra influência global: o movimento hippie. Naquela época, Serrão, considerado uma lenda do rock baiano (ALCÂNTARA, 2012), tinha um programa na TV Itapoan²⁰ que tocava nomes como Jimi Hendrix. A Rádio Cruzeiro AM, que atinge praticamente toda a Bahia, costumava tocar Beatles, Credence e Stones. Espaços como o Instituto Goethe de Salvador (ICBA), a Concha Acústica do Teatro Castro Alves e o Teatro Vila Velha eram focos de resistência do movimento cultural (UCHÔA, 2006) e recebiam shows de rock, como os da banda O Terço (formada em 1968, no Rio de Janeiro), Made in Brazil (formada em 1967, em São Paulo), além das atrações baianas, como a Banda Celibato, Nuvens Negras, Os Cremes e Mar Revolto – esta última que teve uma boa projeção – e do próprio Raul Seixas.

Esta que foi apelidada de “década do ácido” proporcionou aos seus contemporâneos muitas experiências como, por exemplo, a falta de qualidade nos equipamentos de som da cidade. Neste quesito, peça importante foi João Américo²¹, que, se oferecendo para aprender a operar as mesas de som, proporcionou uma evolução neste aspecto técnico da produção, e assim se mantém até hoje.

A década de 1980 veio com “a explosão do Rock Brasil”, fortemente influenciada pelo movimento punk e bandas como Sex Pistols, da Inglaterra, e Ramones, dos Estados Unidos da América. Enquanto isto, em Salvador, o cantor e compositor Marcelo Nova iniciava suas atividades como programador de música na Aratu FM²² com o *Rock Special*, programa que tocava grandes nomes do rock e que, com o tempo, foi alcançando uma audiência cada vez maior, iniciativa fundamental para a formação de plateia de rock na capital baiana. Nesta mesma época,

¹⁹ A saída de Raul Seixas de Salvador foi causada também pelo Golpe Militar de 1964.

²⁰ O programa levava o nome de o *Som do Big Ben* e esteve na grade da TV Itapoan entre os anos de 1972 e 1984.

²¹ Empresário de referência no ramo de aluguel de equipamento de som para eventos na Bahia e no Brasil.

²² Na época, a Rádio Aratu FM era a maior novidade no estado, com uma audiência considerada elitizada.

Nova formou a Camisa de Vênus, influenciando o surgimento de diversas outras bandas contemporâneas, como a Gonorreia²³. Vale reparar que, segundo o próprio Scott – então vocalista da Gonorreia e atual vocalista da Camisa de Vênus –, o interessante nesta época era ter bandas com nomes bizarros, para chocar a família baiana.

Quando a Camisa de Vênus deixou Salvador, na segunda metade da década de 1980, o sentimento de vazio deixado por Raul Seixas anos antes voltou a tomar conta da cena *rock* local. Porém, o rock – considerado um gênero marginal na cidade que viria a ser chamada, anos mais tarde, de terra da *axé music* – não ficou esquecido. Bandas como Cabo de Guerra, Zona Abissal, Espírito de Porco, Dever de Classe, Headhunter D.C., entre muitas outras, surgiam em diversos cantos; publicações e lojas “alternativas” também surgiam, a exemplo da midialouca²⁴, loja de discos e livros que, apesar de comercializar obras dos mais variados gêneros musicais, dá um destaque especial para as bandas de rock, incluindo as soteropolitanas.

Nesta década de furor do rock, a cidade tinha muitos locais por onde circulavam as bandas, e os mais representativos deles eram os circos Relâmpago, na Pituba, e o Troca de Segredos, em Ondina. Debaixo destas lonas aconteceram grandes shows, festivais de música e cusparadas sem fim dos punks acorrentados e insanos que frequentavam as noites de rock por aqui.

Nos anos seguintes, mesmo com a instituição da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB) pela Lei Estadual n. 3.095, de 26 de dezembro de 1972, que tinha como um de seus objetivos a dinamização da produção cultural local (UCHÔA, 2006), o que se viam eram ações que contribuíram com o fortalecimento da ideia de “baianidade”²⁵, difundida pelo então governador Antônio Carlos Magalhães. Ainda assim, nasciam em Salvador bandas como Úteros em Fúria, referência para a maioria das bandas baianas de rock surgidas depois dela, Cascadura, que continua na ativa até hoje, e brincando de deus, esta considerada como uma das bandas mais importantes do cenário musical independente.

Na década de 1990, o produtor Rogério Brito criou o selo BigBross Records, existente até hoje e responsável por lançar e fazer circular discos de bandas como Mutation Lab, Lou, Brinde, Cascadura, Retrofoguetes, Sangria e Vendo 147. Segundo Big, como Rogério ficou conhecido,

²³ Hoje, Eduardo Scott, ex-integrante da banda Gonorreia, é quem está à frente da Camisa de Vênus, substituindo Marcelo Nova, que está em carreira solo.

²⁴ A midialouca (nome grafado desta maneira, com inicial minúscula) funciona hoje na Rua Fonte do Boi, 10, Rio Vermelho, e na Rua das Laranjeiras, 26, Pelourinho, Salvador, BA.

²⁵ Ver: NOVA; FERNANDES, 2006.

“são cerca de 35 ou 37 álbuns lançados, se for contar com os virtuais, deve chegar aos 40” (informação verbal)²⁶.

Em 1991, foi fundada a Associação Cultural Clube do Rock da Bahia (ACCRBA)²⁷, responsável por realizar, anualmente, o *Palco do Rock de Salvador*, evento que acontece até hoje durante o Carnaval e que conta com a participação de bandas locais, nacionais e internacionais, proporcionando um ambiente completamente oposto à folia de Momo na cidade.

Os anos 1990 foram reconhecidos como uns dos mais divertidos para o rock de Salvador. Muitas bandas de peso, como Crarc! e a inesquecível The Dead Billies, que figura como uma das bandas mais queridas da cena, deixaram saudades desde sua dissolução e fizeram a alegria dos jovens que frequentavam os festivais na Faculdade de Economia da UFBA. Como relata o DJ Zeca Forehead (informação verbal)²⁸: “Todo mundo credita a proatividade das bandas dos anos 90 ao fato de a Úteros em Fúria ter mostrado que era possível”. Ao que parece, nesta década as bandas e o som feito não possuíam nenhuma ligação com as bandas que vieram antes deles.

Vale também dar destaque, nestes anos 90, a uma ferramenta chamada *Telefanzine*. Ednilson Sacramento era o mentor desta iniciativa comentada por todos que a utilizaram. Trata-se de, segundo palavras do próprio Sacramento²⁹, uma “linha interativa, que procurou criar um ambiente propício para informação que normalmente não é veiculada pelos veículos de comunicação. Este veículo foi pioneiro no Brasil e na América Latina”. Os ouvintes do *Telefanzine* encontravam as informações do circuito *underground* de Salvador apenas com um telefonema. A extinta Telemar, empresa de telefonia à época, oferecia um sistema de gravação de mensagens que podiam ficar disponíveis e, neste espaço, Ednilson editava um programa que contava com colunistas e informava a todos sobre cultura, entretenimento e comportamento.

Com a entrada dos anos 2000, Pitty – que produziu diversos eventos de rock em Salvador e tocou nas bandas Inkoma (1995-2001) e Shes (1997-1999) – resolveu deixar a capital baiana para tentar a vida no rock em São Paulo. Em 2003, ela despontou como uma das promessas da música brasileira. A partir daí, o caminho trilhado pela cantora permite-nos dizer que, hoje, ela é uma das principais representantes do rock³⁰ do Brasil³¹. Entusiasta da cena soteropolitana, ela auxiliou

²⁶ Em entrevista concedida a este trabalho, em 6 jan. 2014.

²⁷ Ver mais em: <http://accrba.blogspot.com.br>.

²⁸ Em entrevista concedida a este trabalho, em 26 dez. 2013.

²⁹ Em entrevista disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Lwho1VCZ-PA>.

³⁰ Neste caso, representante do estilo musical assumido pela cantora, não do Rock na totalidade do gênero.

fortemente na divulgação³² de bandas que continuaram em Salvador, como Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta, Theatro de Séraphin, Lou, Nancyta e os Grazzers e The Honkers.

Locais como Casa da Dinha, Idearium, Café Calypso, Miss Modular e Nhô Caldos, localizados no boêmio bairro do Rio Vermelho, em Salvador, eram alguns dos principais responsáveis por abrigar shows no começo da década. Na segunda metade dos anos 00, novas bandas foram surgindo e despontando no cenário. Desta vez, elas já podiam contar com a grande força da internet³³ e dos sites de redes sociais, como o *Orkut* e *Fotolog*, muito utilizados anos atrás, mas já em decadência nos dias atuais.

Bandas como Matiz, Pessoas Invisíveis, Os Irmãos da Bailarina, Canto dos Malditos na Terra do Nunca, Elipê e Formidável Família Musical³⁴ lotavam casas de shows de pequeno e médio porte, localizadas, sobretudo, no Rio Vermelho. Juntas, algumas delas criaram o coletivo de produção A Mariscada, que, por cerca de dois anos, foi importante instrumento na circulação e produção de shows de muitas bandas.

O jornalista Luciano Matos muito vem contribuindo desde o início dos anos 2000, ao manter o site *El Cabong*³⁵, que atua na cobertura do cenário musical baiano e brasileiro, sobretudo o chamado mercado independente, e ao realizar festas como *Baile Esquema Novo* e *Nave*.

Em 2006, a jornalista Paula Berbert passou a realizar trabalhos de assessoria de imprensa e comunicação para eventos e bandas de rock “alternativas” de Salvador: foi um importante passo para a profissionalização deste mercado no gênero, abrindo um espaço de diálogo maior e mais maduro entre os artistas do rock e a imprensa local. Dentre os clientes de Berbert, estiveram bandas como Cascadura, Os Irmãos da Bailarina, Aguarraz, Enio e a Maloca e Ronei Jorge e os Ladrões de Bicicleta.

³¹ Em entrevista recente, Pitty afirmou que, apesar do reconhecimento nacional e de realizar, em cidades dos mais diferentes portes, shows sempre lotados, sua banda nunca recebe convites para tocar em Salvador, sua cidade natal. “Da última vez, pagamos para tocar”, disse (ANDRADE, 2011).

³² Pitty lançou, em 2004, o DVD *Admirável vídeo novo*, que trazia um show gravado no bar Calypso, em Salvador, com a participação de diversas bandas de rock locais.

³³ O site *Fotolog* foi muito utilizado pelas bandas para a divulgação de fotos, agendas, releases. *Trama Virtual*, *MySpace* e *Palco MP3* são alguns exemplos de sites muito utilizados para a distribuição de músicas na web.

³⁴ Formidável Família Musical começou sua carreira como ZecaCuryDamm. Depois, passou a se chamar ZecaCuryDamm e a Formidável Família Musical. Após passar por mudanças na sua formação, adotou apenas o nome Formidável Família Musical.

³⁵ www.nemo.com.br/elcabong.

Também em 2006, os jornalistas Renato Gaiarsa e Paloma Guedes lançaram o programa *Encarte*, transmitido através do site *YouTube*, na tentativa de diminuir a carência de meios para a divulgação das bandas de rock da capital baiana. Em 2007, os programas foram transmitidos pela TV Salvador em formato de especial.

O produtor Emmanuel Mirdad idealizou e realizou, em 2008, a primeira edição do prêmio *Bahia de Todos os Rocks*, que tinha como objetivo homenagear e incentivar os destaques da cena em um determinado ano; a segunda e mais recente edição do evento foi realizada em 2010.

Em 2009 e 2010, o programa *Circulando*, comandado pelos comunicadores Érica Saraiva e João Carlos Sampaio na Rádio MetrÓpole FM, constituiu-se como um importante canal de divulgação para o rock baiano. Nesta época, também surgiu o *Radioca*, na Rádio Educadora FM, programa comandado atualmente por Luciano Matos e o cantor Ronei Jorge Martins e destinado à nova música brasileira, sobretudo à que está fora da grande mídia.

Também em 2009, surge o Coletivo Quina Cultural, idealizado por produtores já experientes da cena *rocker*: Cássia Cardoso, Rogério Brito e Theo Filho, um dos sócios da casa de shows Boomerangue, que recebeu, por cerca de cinco anos, os principais eventos de rock de pequeno e médio porte de Salvador.

Foi no início de 2011 que a graduanda Clara Marques Campos, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM/UFBA), disponibilizou ao público o *Guia de Produção do Rock* (CAMPOS, 2011), mapeamento dos profissionais envolvidos na cadeia produtiva do rock de Salvador e uma grande contribuição para a profissionalização deste mercado.

Inspirada no “bom e velho rock and roll”, a banda Vivendo do Ócio, já conhecida pelo público por ser presença constante nas matinês³⁶ e concursos de bandas de jovens músicos, venceu em 2008 o *GAS Sound*: o prêmio foi a gravação e lançamento de um CD pela Deckdisc. A partir daí, a Vivendo vem ganhando destaque nacional e, hoje, lota apresentações por onde passa. Destaque também para a banda Maglore, que acabou mudando-se para São Paulo na tentativa de ampliar sua carreira, e vem alcançando bons objetivos. Como coloca BigBross (informação verbal)³⁷, a proatividade destas é o maior segredo para alcançar seus interesses. Ele relata que

³⁶ Matinê é a forma como são chamados os eventos voltados para o público mais jovem (menores de 18 anos). Acontecem durante a tarde e reúnem, geralmente, bandas formadas por adolescentes e/ou concursos musicais.

³⁷ Em entrevista concedida a este trabalho, em 6 jan. 2014.

muitas bandas acabam por ficar esperando um milagre em forma de um produtor que tenha aporte financeiro para investir em sua carreira, porém salienta que isto é quase impossível.

Neste ponto, Luciano Matos (informação verbal)³⁸ concorda: “As bandas têm que tocar, fazer shows é importante, tanto quanto gravar um disco ou ter um bom material de divulgação”.

Como se pode ver, Salvador é muito plural também na produção de rock. Ao longo de todas estas décadas, não se podia observar apenas uma vertente ou segmento específico em evidência. É claro que, até mesmo pela influência do que era produzido lá fora, alguns atores acabam se destacando mais, porém, em paralelo, sempre aconteciam situações onde a diversidade era evidenciada, já que, por mais forte que fosse o movimento punk nos anos 1970, tinha sempre alguém tocando música dos 50 pela cidade ou outros estilos de rock, como observa Maia (2006):

Hoje existem algumas dezenas de bandas de rock em Salvador, divididas basicamente em três cenas, a mais geral, com vários estilos de rock (indie rock, rockabilly, britpop, pop/rock, classic rock e diversos outros estilos que são verdadeiras misturas), a hardcore (incluindo o gênero que deu origem ao hardcore, o punk) e a metal (reunindo as diversas vertentes – death metal, heavy metal, thrash metal etc.). Na maior parte das vezes, os públicos destas cenas são diferentes e só se reúnem em festivais. Alguns poucos fãs do rock costumam frequentar as três cenas.

O que se observa também é que esta cena possui uma sazonalidade característica da cidade, com períodos de esvaziamento e de “casa cheia”, vista desde o início do rock por aqui. E esta sazonalidade está ancorada em outra questão: nunca tivemos um movimento uníssono que rasgasse nossa espinha dorsal das influências, a exemplo do manguebeat, em Recife. A diversidade é forte e soberana neste sentido. Até mesmo nestes momentos de “lacunas”, não sabemos o que esperar da próxima leva de bandas, já que, a exemplo do que aconteceu, principalmente na transição nos anos 1980 para os 90, as bandas da safra passada podem simplesmente não ser importantes para as novas, a ponto de não criar uma ligação entre elas.

Ao contrário do que muitos pensam atualmente, esta história de que o rock é propriedade do Rio Vermelho desde sempre cai por terra. Como vimos, em cada época específica tivemos locais importantes, em diversos pontos da cidade e que davam, à sua maneira, uma contribuição para a caracterização do rock daquela época. Portanto, o Rio Vermelho pode, daqui a alguns anos, não ser mais o local que tenha “a cara” do que rock que estará sendo feito na cidade e, com

³⁸ Em entrevista concedida a este trabalho, em 3 jan. 2014.

isso, arremato outra questão: quem sabe esta não pode ser uma das saídas para resgatar o vigor do rock que há algum tempo não presenciamos? Como diz Eric Assmar (informação verbal)³⁹, é necessário pensar em novas estratégias e novas possibilidades. Encarar com novos olhos esta cena que se forma para que possamos extrair dela o que há de melhor. Novas práticas que algumas bandas já realizam, como, por exemplo, ligar os instrumentos numa praça da cidade e com muita boa vontade fazer um show para as pessoas que ali transitam. Por que não descobrir novos modos de fazer?

Enfim, o que percebo é que a cena está parada. BigBross (informação verbal)⁴⁰ diz que o segundo semestre de 2013 foi o pior para a produção de rock em Salvador nos últimos tempos. E observa que as bandas estão muito frágeis e não duram, pois não querem “meter as caras” para fazer shows, divulgar seu trabalho e sair da zona de conforto. Se as bandas nos anos 80 e 90 conseguiam lotar os shows que promoviam, não era somente porque tinham fãs alucinados, mas porque investiam na formação de público, indo tocar em colégios para a garotada, por exemplo. Mesmo sem as facilidades da internet, divulgavam seus shows no boca-a-boca ou através de publicações alternativas e até mesmo cartazes feitos a mão, e obtinham mais sucesso do que hoje. Decerto que se percebe uma apatia no público também, não se quer ir nem a eventos gratuitos muitas vezes, porém, algo precisa ser feito e esta reflexão tem de ser encarada por toda a cena, já que uma ação desencadeia uma série de movimentações que acabam envolvendo a todos na cadeia produtiva.

³⁹ Em entrevista concedida a este trabalho, em 23 dez. 2013.

⁴⁰ Em entrevista concedida a este trabalho, em 6 jan. 2014.

4. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O tema abordado nesta pesquisa é o rock, tendo foco para o rock produzido no estado da Bahia, mais especificamente na cidade de Salvador, desde a década de 1950. A tentativa desta pesquisa é reunir alguns dos nomes e características de cada década, tentando proporcionar uma visualização global desta história, de quem e do que fez parte dela, através de recortes e formatações necessárias para sua realização.

Pensando em realizar este trabalho com a contribuição de pessoas inseridas na cena do rock local, elenquei figuras que possuem ligação direta com a produção e relevância neste meio, sendo estas pessoas músicos, produtores, formadores de opinião e trabalhadores da cadeia produtiva em geral. Foram escolhidos e convidados quatro nomes, a partir de seus currículos e ou representatividade no meio cultural da cena roqueira da cidade. Também foram levados em consideração fatores como disponibilidade, interesse e viabilidade.

A tarefa de reunir estes dados não foi das mais simples, porém, acredito que o método escolhido devesse contribuir para que os dados fossem coletados de forma fluida e espontânea, para extrair dos entrevistados informações ligadas à sua percepção sobre o tema. Portanto, optar por uma pesquisa de caráter qualitativo foi a melhor forma encontrada por mim para chegar a este resultado, já que este tipo de pesquisa, geralmente, recolhe dados por meio de palavras. Escolhido o tipo de pesquisa, é importante explicar como foi pensado o método de coleta e o desenvolvido deste instrumento. Para isso, descrevo abaixo o passo a passo da investigação.

O primeiro passo foi definir qual método usar. Pensando no objetivo da pesquisa, que é de caráter exploratório, escolhi a entrevista como forma de recolhimento de dados. Em primeiro lugar pela análise de seus resultados, que é totalmente alinhada com o tom da pesquisa, por ser feita de acordo com um julgamento mais subjetivo das respostas. E embora seja de conhecimento público e notório a história do rock da nossa cidade, ou seja, estas informações não são sigilosas ou totalmente desconhecidas, cada pessoa apresenta uma versão, de acordo com seu olhar e conhecimento sob cada aspecto. Em segundo lugar porque permite uma conversa com mais liberdade, uma espécie de bate-papo, já que, mesmo com um roteiro pré-determinado, permite que sejam feitas intervenções para saber mais informações sobre algum tema ou ponto específico

em seu decorrer. Para o momento das entrevistas, pensei em um roteiro que serviu de guia para não deixar de saber informações ou por acaso esquecer de fazer alguma pergunta. A entrevista foi pensada para ser realizada pessoalmente, através da captação de áudio.

O segundo passo foi definir quem seriam as pessoas entrevistadas. Pensando em nomes que pudessem contribuir de forma efetiva para a pesquisa, elenquei alguns que julguei interessantes, dentro das perspectivas da atuação destas pessoas, recorte temporal e disponibilidade. Dentre as possibilidades, quatro confirmaram disponibilidade e então estava formado o elenco. Devido ao curto espaço de tempo para realizar estas entrevistas, que eram parte preliminar do processo, optei por não realizar um número maior de encontros, pois isso poderia atrasar as demais etapas do trabalho. De todo modo, acredito que o resultado alcançado tenha sido satisfatório.

Portanto, contei com a participação de Eric Assmar, músico e compositor com ampla inserção na noite soteropolitana, guitarrista da Eric Assmar Trio e futuro etnomusicólogo pela Universidade Federal da Bahia; Luciano Matos, jornalista, blogueiro e DJ, há mais de dez anos atua na cobertura do cenário musical baiano e brasileiro, especialmente o chamado mercado independente, incluindo o rock; Zeca Forehead, que é DJ, ilustrador e trabalha na TVE-BA, além de ser um grande consumidor de música e acompanhar de perto a produção local durante muitos anos; e Rogério BigBross, produtor cultural que está atuando no mercado soteropolitano de rock há 20 anos; dono do selo BigBross Records, já lançou cerca de 40 títulos.

O terceiro passo foi marcar as entrevistas com os convidados. Priorizei a marcação das datas de maneira que as entrevistas pudessem ser realizadas de forma presencial, e estas foram marcadas de acordo com a disponibilidade de cada um, sem hierarquia de datas ou ordem pré-definida. Elas foram acontecendo de forma orgânica e se complementando no decorrer do percurso. Para no caso de impossibilidade de realização da entrevista de forma presencial, deixei em aberto a possibilidade de enviar, por e-mail, ao entrevistado, o roteiro com as perguntas e uma pequena instrução do que eu gostaria de saber, e junto com isso um prazo para que fosse feita a devolução do material com as repostas. Esta opção só seria apresentada ao entrevistado caso houvesse a constatação da impossibilidade de um encontro presencial. Entretanto, não foi necessária esta abordagem. Todos os entrevistados foram ouvidos pessoalmente. É possível ler o conteúdo editado das entrevistas em algumas partes deste memorial.

A entrevista possuía oito perguntas gerais, que dizem respeito ao universo do rock de forma mais abrangente e às experiências pessoais do entrevistado. Além destas, para cada década foram pensadas quatro perguntas, visando mais detalhes. Estas perguntas foram iguais para todos e respondidas de acordo com o conhecimento de cada entrevistado, por década, podendo haver, em alguns casos, perguntas sem resposta devido ao desconhecimento ou abstenção.

O terceiro passo foi o tratamento das informações coletadas e a organização destes dados, que desencadeia na construção do mapa visual. Neste caso, a criação da estrutura da árvore e o posicionamento de cada parte foram feitos por mim, a partir do entendimento que obtive a partir das entrevistas e da pesquisa feita previamente. Feito isto, o rascunho foi mandado para o designer, que cuidou de toda a parte de criação visual.

Esta metodologia foi pensada desta maneira devido ao fato de que se tornaria menos engessada do que outras possibilidades. Já que este trabalho se propõe a ser algo menos pragmático e mais reflexivo e ilustrativo, era interessante que o registro destas opiniões fosse feito de maneira mais “livre”, com as fontes trazendo suas referências ao invés de, por exemplo, eu apresentar uma “árvore pré-moldada” e submeter à avaliação dos entrevistados. Queria captar as experiências e vivências de cada um, em sua riqueza de detalhes em determinadas épocas mais e em outras, menos.

O fato de os entrevistados possuírem uma relação próxima com o tema, e terem vivenciado situações reais junto a ele, agrega credibilidade às informações e justificativas passadas. Com o mesmo pensamento de Maia (2006), “a intenção sempre foi transformar a entrevista num diálogo, num bate-papo, onde o entrevistado sinta-se completamente à vontade para falar sobre o que lhe convir no momento, rir e dividir experiências e intimidade”. O interesse era que, longe de influências que não fossem as suas próprias observações e conhecimento, os entrevistados trouxessem suas visões para o trabalho até onde fosse possível para eles. Por isso, não foi solicitada nenhuma quantidade mínima de bandas ou de outros dados consultados.

As únicas fórmulas apresentadas previamente foram: a estrutura da árvore e a divisão do levantamento por décadas, buscando uma atmosfera mais descontraída e oportuna para o momento das entrevistas:

Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema. (MEDINA, 2001, apud MAIA, 2006)

A minha parte nesta investigação foi feita com base em pesquisas sobre cada década e o rock da Bahia, do Brasil e do mundo. Buscando leituras que pudessem dar um aporte interessante sobre estas épocas e suas inclinações, sobretudo pelo fato de não ter um número maior de entrevistados respeitando um recorte geracional mais evidente, procurei muitas fontes relevantes que trouxessem informações para que, no momento de analisar o material coletado junto aos entrevistados, não houvesse muitas dúvidas sobre o que realmente era importante e necessário fazer parte do produto final. Além disto, busquei conversar com outras pessoas, mesmo que informalmente, sobre o projeto e busquei apreender diversos olhares que contribuiriam, sem dúvidas, para a modelagem e construção deste trabalho.

4.1 TRATAMENTO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Para iniciar este tópico, eu gostaria de tocar num ponto fundamental, para de cara deixar uma questão muito clara: este trabalho não consegue dar conta de toda a história do Rock de Salvador. Este mapa visual é um apanhado do que se mostrou relevante durante o processo de coleta de dados e, claro, do que fazia parte dos meus saberes sobre o gênero e minha apropriação do mesmo. Desde o início, sabia que este processo seria complexo e, para muitos, até injusto, pois cada um é acometido de suas experiências e afetividades em relação ao tema, e comigo não seria diferente. Controverso talvez, mas bem intencionado, este trabalho foi concebido como fruto de pesquisas, entrevistas e depoimentos, para o bem ou para o mal. Para ilustrar melhor minha situação, me apego às palavras de Chacon (1982), que esclarece a mesma questão quando começa a relatar a história do Rock:

Mexer com a história do Rock é cutucar a onça com vara curta. Significa selecionar grupos, apontar ídolos, preferir estilos, e tudo isso pressupõe critérios. E quais são eles? Em primeiro lugar, e inevitavelmente (e seria mentira dizer o contrário), gosto pessoal. Como impedir que a caneta corra mais rápido e escreva mais sobre os Beatles e os Stones do que sobre o punk? Se a gente aceita aquela identificação física do Rock que

descrevi no capítulo anterior, me permitam falar mais de onde meu sangue borbulha mais.

É claro que, por se tratar de um trabalho acadêmico e em respeito às obras e trabalhos desenvolvidos pelas bandas e artistas, eu jamais poderia desprezar alguns nomes, pois eles se elegem em sua própria trajetória, não poderia eu excluí-los por desconhecimento ou vontade própria.

Em princípio, a ideia era reunir somente as bandas mais relevantes de cada década, que seriam definidas a partir dos depoimentos dados pelos entrevistados e, claro, da história que está posta e conhecida por todos. Entretanto, de cara percebi que seria impossível contar esta história deixando de fora deste mapa agentes que foram determinantes para o desenvolvimento do gênero em Salvador e, neste caso, não se tratavam somente de bandas, mas sim de locais, eventos, pessoas e de programas da mídia. Todos estes elementos estão intimamente interligados e seria, de certa forma, impossível e inviável desmembrá-los. Com isto, estes atores começaram a ser levados em consideração e se integraram ao mapa de forma natural.

A diversidade cultural da música baiana é enorme, e com o rock não é diferente. Como o próprio gênero é bastante segmentado, contendo diversos subgêneros e ramificações, seria impossível esgotar as possibilidades de um produto como este com um trabalho de graduação. Reforça esta conclusão o fato de que as escolhas feitas para esta versão são baseadas em algumas opiniões, o que delimita o trabalho, obviamente, à experiência e referências das pessoas envolvidas. Portanto, é importante reconhecer que não tenho com isto a intenção de enumerar como os mais importantes artistas ou movimentos, ou ter este trabalho reconhecido como verdade absoluta, longe disto. Este mapa pode possuir diversas versões, e este trabalho é concebido para ser um primeiro passo nesta jornada, não apenas o único.

É preciso levantar aqui uma discussão relacionada à dificuldade de tratar estes dados. São muitas as barreiras encontradas, mas basicamente duas foram maiores: uma delas, já na primeira parte da árvore (1950, 60), aconteceu por basicamente haver pouco material relacionado a isto disponível, foi difícil conseguir elaborar um quadro que representasse este período, pois as informações são desconstruídas e isso torna complexa a tarefa de trazer dados específicos e critérios mais apurados. Já na segunda parte da árvore, a quantidade de informações encontradas é tão grande que acaba ficando complexo também, pois conseguir escolher os atores que

realmente deveriam aparecer na árvore era arriscado. Nos dois casos, o bom senso foi o norteador para que eu pudesse traçar um comparativo entre cada ator e, desta forma, selecioná-los da maneira mais justa possível. E, para evidenciar “níveis” de atuação dos atores já selecionados, criei uma maneira de colocá-los em escalas de visibilidade diferentes, para mostrar ao leitor que, mesmo fazendo parte da mesma cena e, por terem sido escolhidos, possuem relevância, ainda existia uma maior ou menor evidência naquele espaço em termos de projeção ou importância para o desenvolvimento do Rock como um todo.

Desenvolvi alguns pensamentos básicos e, sobretudo, fragmentados, para utilizar como critérios, pois acredito que cada década possui sua peculiaridade e isto influencia, diretamente, na escolha dos atores. Na década de 50, por exemplo, como eram poucas as experiências, achei válido recuperar o máximo de informações possíveis e colocá-las na *Tree*, já que poucas delas são conhecidas e principalmente creditadas.

Nas décadas de 1960, 70 e 80, já podemos notar um crescimento na cena, tanto na quantidade das bandas quanto dos outros atores, como mais produções, festivais e aderência do público. Portanto, nestas ocasiões, elenquei atores que: 1) tenham sido citados por algum dos entrevistados; 2) tenham sido elencados no livro *Rock baiano: história de uma cultura subterrânea* (SACRAMENTO, 2002); ou 3) tenham sido citados em outra fonte desde que comprovada⁴¹ sua relevância para a cena. É válido ressaltar que nem todos os atores citados por Sacramento (2002) entraram na ilustração. Isso porque ele faz um apanhado detalhado sobre a cena punk de Salvador, por exemplo, onde cobre quase todas as bandas que existiram, mas que não necessariamente alcançaram alguma relevância. Portanto, escolhi aquelas que foram mencionadas pelos entrevistados e que possuíssem destaque. Para analisar isto, busquei informações diversas, ouvi seus trabalhos, avaliei o que foi comentado sobre eles em outras fontes, sobre shows, público, apresentações em festivais e fora do estado, entre outros aspectos.

Nas décadas seguintes (1990, 2000), a cidade conta com uma grande produção de rock, o que tornou a escolha substancialmente mais difícil. Os critérios usados nas décadas anteriores continuaram valendo, entretanto, vale ressaltar que a obra de Sacramento (2002) só relata a história até o início da década de 90, embora o livro tenha sido lançado já no começo dos anos

⁴¹ Utilizando os meus critérios e avaliação sobre as informações encontradas.

2000. Isto se deu porque o livro foi lançado através de leis de incentivo, e isto gerou um atraso no cronograma da obra, sobretudo no seu lançamento.

Para então escolher os atores das duas últimas décadas, contei bastante com a opinião dos entrevistados, balizando minhas escolhas primeiramente pelo que foi dito por eles em suas entrevistas, já que este foi justamente o período no qual eles viveram e têm bastante autoridade para dar destaque aos nomes mais relevantes, mesmo que isso perpassasse pelo gosto pessoal e afinidades com estes atores, como já foi esclarecido anteriormente.

Destas décadas, também pude contar com uma maior quantidade de informações na internet, já que foram estas as gerações beneficiadas pelos *flyers online* e divulgação em massa através da rede e das redes sociais como *Orkut*, *Last FM* e *Fotolog*. Outro ponto importante é que eu, como público-alvo do rock feito na cidade, pude contribuir de maneira mais efetiva na decisão de escolha dos atores desta fase. Desta maneira, chegamos à lista final com mais de 100 nomes presentes até então.

5. SALVADOR ROCK TREE – O PRODUTO FINAL

Nesta parte do memorial, o mapa visual sai do plano das ideias e toma forma física, com cores, medidas e detalhes. Depois de toda a pesquisa e levantamento de dados, é o momento de transformar todo este texto em uma única imagem, que sintetize de maneira lúdica e simplificada a história do rock na cidade de Salvador. Em formato de pôster, o mapa visual é apresentado através de uma ilustração, que, no dicionário, designa-se como: “sf. 1. Ato ou efeito de ilustrar(-se). 2. Conjunto de conhecimentos; saber. 3. Imagem ou figura que orna ou elucida um texto escrito” (FERREIRA, 1985). Ou seja: é a compilação dos dados escritos em forma de imagem, cuja concepção gráfica e toda a parte artística foram idealizadas e executadas em parceria com o designer Alexandre Beanes⁴².

Formado em Educação Artística com Ênfase em Computação Gráfica (atualmente o curso mudou de nome para Design) pela Universidade Salvador (Unifacs) no ano de 2000, começou a trabalhar profissionalmente no mesmo ano, tendo mais de uma década de carreira, nove destes anos na criação da empresa Uranus2 Comunicação Visual, seu emprego atual.

Beanes, que já foi meu parceiro de trabalho em outras oportunidades, não foi escolhido à toa. Convidei-o para fazer parte deste projeto por acreditar que seus desenhos poderiam transmitir a ideia que gostaria de passar ao contar esta história. Além de roqueiro e conhecedor do gênero, o estilo de ilustração de Beanes é bastante original e, por ser um profissional criativo, acaba buscando referências em diversas fontes, trazendo detalhes e originalidade à peça, o que está diretamente ligado ao clima do rock feito aqui na cidade desde os primórdios.

5.1 CONCEPÇÃO DA PEÇA E CONCEITO

⁴² Portfólio do designer Alexandre Beanes disponível em: www.alexandrebeanes.com.

O primeiro passo foi me certificar do interesse de Beanes em participar do projeto, já que ele assinaria a peça e seria parte integral deste. O pensamento é que continuemos parceiros em seus possíveis desdobramentos, que citarei mais à frente, nas considerações finais.

Continuando com o percurso e com o convite aceito, começamos a pensar na apresentação da peça. Enviei a Beanes exemplos de *layouts* de outras *trees* que considerei interessantes usar como inspiração e entendimento do que seria este desenho, de como ele deveria passar as informações e de como os elementos deveriam estar dispostos. Algum tempo depois, em resposta às minhas indicações, Beanes me apresentou um modelo de caule, galhos e folhas – elementos básicos de uma árvore.

Antes de continuar, cabe uma observação: a ideia inicial era de que as informações fossem passadas através da genealogia das bandas, suas influências e movimentos. Entretanto, no decorrer da pesquisa e do contato com os entrevistados, e pessoas com quem conversei informalmente sobre o assunto, uma afirmação foi quase unânime: criar uma árvore que monte, genealogicamente, a história do rock em Salvador seria quase impossível nesta oportunidade. Explico: como já dito neste trabalho, a cena de rock na cidade sempre foi muito heterogênea e, por mais contato que as bandas pudessem ter entre si (ou não), nada me garantiria – além da afirmação das próprias pessoas – que banda X teria sido influenciada pela banda Y da geração anterior e assim sucessivamente, de forma tão verídica. Houve épocas onde o cair de uma década e o alvorecer de outra quase nada tiveram a ver em relação à produção das bandas. Portanto, a partir deste contexto, decidi contar a história de forma cronológica, sem me preocupar em mostrar, especificamente, esta ou aquela influência por parte das bandas. Acredito que esta atitude pode ter gerado um resultado mais honesto e fidedigno ao que realmente foi acontecendo durante estas décadas.

Prosseguir com a proposta da árvore foi também uma decisão tomada neste momento por algumas motivações conotativas, como, por exemplo, a interligação entre os agentes externos e internos (galhos, folhas, frutos, aves, ventos etc.); a questão da longevidade das árvores e seus ciclos (germinar, brotar, crescer, desenvolver-se, dar frutos etc.); e sua sobrevivência, por alimentar-se de suas próprias substâncias aliadas a fatores extraídos de fora dela, que contribuem para seu fortalecimento e desenvolvimento (água, sais minerais etc.). Assim é o Rock, cheio de ciclos, onde se observam as fases embrionárias das bandas, sua reprodução, desenvolvimento,

amadurecimento, os frutos colhidos, e também seu eventual desaparecimento. Assim, acredito eu que o Rock possui diversas analogias com a árvore, podendo ela, desta forma, ilustrar sua linha do tempo satisfatoriamente.

Explicações dadas sobre as minhas escolhas para o produto, fecho o parêntese e prossigo com a narração da confecção da versão final da *Salvador Rock Tree*.

5.2 CORES

Os modelos apresentados por Beanes foram todos coloridos. Admito que, a princípio, não gostei da ideia. Acreditava que, por se tratar de uma árvore que abordava o Rock, a quantidade de cores poderia descaracterizar o tema – muitas vezes associados à escala de cinza –, ou causar estranhamento nas pessoas, assim como causou em mim. Porém, analisando alguns fatores que estavam embutidos no contexto, acabei aceitando que as cores podem dinamizar a imagem, além de dar maior clareza às informações, já que cada década possui uma cor específica que identifica seus atores, sendo esta uma estratégia de facilitar a sua visualização e agrupamento de informações.

Portanto, mesmo sabendo que isto poderia elevar o custo de impressão da peça, e de fato causar algum estranhamento, optamos por um desenho colorido. Acredito que isto traz a atmosfera tanto da cidade de Salvador, por ser uma cidade litorânea onde seus próprios contornos já nos oferecem muitas cores todos os dias, quanto da própria cena local, que é tão diversa, plural e dinâmica. Se formos recorrer ao ícone do rock baiano, o saudoso Raul Seixas, poderemos perceber em sua obra a presença de cores, muitas cores, o que, de certa maneira, nos “autoriza” a seguir com esta escolha nesta primeira abordagem.

Desta maneira, mesmo existindo segmentos do rock representados na ilustração que não se identifiquem com tantas cores por possuir um apelo mais *dark*⁴³ ou sombrio, de maneira geral, acredito que a forma como foram distribuídas as cores dão um tom irreverente à imagem e acabam chamando a atenção do observador.

⁴³ Para algumas bandas de rock, sobretudo de metal, é importante manter sua postura de mau, cruel ou obscuro, pois faz parte de sua proposta e/ou filosofia.

5.3 ELEMENTOS

No tronco da árvore, encontram-se “escritos” os números relacionados a cada década, seguindo a ideia de linha do tempo na cronologia do rock, desde a década do surgimento até a década atual. A intenção era remeter o observador àquelas inscrições feitas em árvores para eternizar algum momento, geralmente em forma de coração e/ou com o nome das pessoas.

Os galhos onde estão colocados os nomes dos artistas são a sustentação para que haja a ligação (onde for propício) entre as bandas, segmentos ou vertentes que aglomerem os nomes destacados. Continuando a usar o exemplo de Raul, ele, que participou de três bandas até lançar seu disco como apenas Raul Seixas, está agrupado no mesmo galho que suas outras bandas, evidenciando assim sua carreira no decorrer do tempo. Isto acontece com outros artistas e grupos que, por algum motivo, possuam semelhança ou sejam contemporâneos. É importante dizer que a ideia inicial era de que os artistas e bandas fossem as folhas nestes galhos, porém, com o elevado número de atores, seria impossível fazer algo organizado e legível. Também, no início, gostaria que todos possuíssem imagens que pudessem identificá-los, porém, pelo mesmo motivo, esta ideia tornou-se inviável.

Deste modo, optei por identificar com foto aqueles atores que tiveram maior destaque⁴⁴ dentro daquela determinada década. Seguindo com a escala de destaque, temos nomes que estão com a fonte em negrito e caixa alta. Esta seria a segunda maneira de destacar os atores que estão numa espécie de segundo plano, bem como os atores que estão com seus nomes em fonte comum estão em terceiro. É claro que só o fato de estarem presentes na seleção já evidencia sua importância e referência para a época. Este método de destaque foi criado somente para ajudar o observador a perceber que, dentre aqueles nomes, existiram pessoas ou grupos mais ou menos difundidas por motivos diversos que não somente os critérios aqui estabelecidos.

As sessões de trabalho para a construção do modelo final foram conjuntas. Geralmente Beanes pedia sugestões em forma de *briefing* e, depois de apresentadas as opções, nós discutíamos e fazíamos as adaptações que julgávamos necessárias até que finalmente chegamos no resultado apresentado.

⁴⁴ De acordo com os critérios usados neste trabalho para elencar os atores.

Ainda foi feita uma logomarca para a peça, para que seja identificada e que assuma uma identidade enquanto produto, que poderá sofrer alguns desdobramentos que serão explanados no próximo tópico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizado o projeto do mapa visual e todo o trabalho de pesquisa e coleta de informações que foi necessário fazer para obter este resultado, é o momento de refletir sobre este processo e sobre seus desdobramentos e possibilidades, elencar problemas e pensar horizontes.

Enfrentei algumas dificuldades ao longo da construção deste trabalho. E me sinto na obrigação de compartilhá-las. Em primeiro lugar, me sinto um pouco frustrada, pois gostaria de ter entrevistado mais pessoas para compor o *hall* de fontes do meu trabalho. Para mim, seria ainda mais interessante entrevistar pessoas de forma que eu pudesse alcançar, com maior precisão, um recorte geracional, ou seja: entrevistar pessoas da década de 1960 para saber mais sobre a década anterior. Neste trabalho, as duas primeiras décadas foram um desafio justamente por só ter tido a oportunidade de entrevistar pessoas que tinham mais conhecimento sobre o tema a partir dos anos 80. De qualquer forma, busquei fontes onde pude me apoiar e elencar as informações que dispus no trabalho, e acredito ter conseguido representar aquela parte da história de forma satisfatória.

Não se pode negar que o Rock tem ganhado um pouco mais de visibilidade na produção literária e acadêmica nos últimos anos, mas, ainda assim, em alguns momentos, é complicado encontrar informações detalhadas sobre o gênero, principalmente em relação ao registro de documentos mais antigos. Esta foi uma das dificuldades encontradas por mim ao pesquisar, sobretudo, sobre o rock baiano. Não estou subestimando o que já existe nem questionando sua relevância, apenas acredito que quanto mais materiais acessíveis, mais disseminado e esclarecido o tema se torna, credibilizando e sustentando trabalhos como este, que carece de fontes mais seguras para garantir informações mais reais e palpáveis.

Passando para outra perspectiva das reflexões deste trabalho, vislumbro algumas possibilidades de desenvolvimento deste que é um projeto inédito neste formato sobre o rock na Bahia. Pensando em como esta pode ser uma contribuição importante, este projeto pode tomar proporções muito maiores e pode vir a se tornar uma pesquisa acadêmica mais ampla e aprofundada, que pode se desdobrar em outras ações como um grande banco de dados organizado, onde informações sobre todas as décadas fossem encontradas com mais facilidade.

Este banco de dados poderia ser alimentado com a ajuda de parceiros e colaboradores, bem como isto oportunizaria uma atualização anual da árvore.

Já contando com a contribuição da banca avaliadora, sugeriu-se que – como já era esperado, que o trabalho precisa de revisões tanto na parte de contextualização, quanto na metodologia para que tais aspirações possam vir a se tornar realidade, e este é o plano a ser colocado em ação logo em seguida na vida acadêmica. Questões como melhor formatação dos critérios de escolha dos atores, maior abrangência de entrevistados e colaboradores e melhor formatação da parte de levantamento e disposição de informações e dados desta história precisam ser revistos, já que era sabido que não se conseguiria alcançar resultados perfeitos na primeira tentativa deste trabalho. Tratou-se, acima, de cinco décadas e obviamente um aprofundamento maior só se daria com muito mais tempo de dedicação e orientação, para que as escolhas pudessem ser mais claras e assertivas.

Foi sugerido também que a própria peça gráfica passasse por uma análise de sua formatação, para que fosse possível se discutir mais sobre a problemática da linha do tempo *versus* a árvore – está por estar associada diretamente à genealogia e por causar certo estranhamento. Esta é uma questão que exige uma maior observação para que se faça as adequações necessárias e se necessárias. Além deste quesito, no produto também foram observadas as ausências de alguns atores que se fizeram importantes na reprodução desta história e que numa próxima versão, já contarão com suas presenças devidamente destacadas. Por uma questão operacional, estas correções ainda não puderam ser feitas até estas data.

Seria possível, também, com esta organização, hierarquizar critérios para avaliação da cena e suas transformações, catalogação das bandas e outros atores, para que isto não se perdesse com o tempo por falta de registro adequado e necessário. Poderia até servir como cartão de visita para as bandas, já que poderiam ter sua imagem difundida através de um site grande e completo, a exemplo de um outro site chamado *Filmografia Baiana – Memória Viva!*⁴⁵, que, como o próprio nome já sugere, tem como objetivo divulgar informações sobre a produção audiovisual da Bahia, a saber: “*Filmografia Baiana: Memória Viva* pretende contribuir tanto para a divulgação como para a preservação do cinema baiano. Afinal, só podemos preservar aquilo que conhecemos”. Esta iniciativa poderá ser incentivada pelo governo através de editais públicos ou de incentivos

⁴⁵ Disponível em: <http://www.filmografiabaiana.com.br>.

fiscais concedidos a patrocinadores que se interessassem em promover esta cena, o que poderia gerar movimentação dos setores da cadeia produtiva como um todo.

Sugiro e desejo que a *Salvador Rock Tree* possa virar também inspiração para que outras *trees* sejam pensadas para outros gêneros musicais, tais como o samba de roda, a música clássica, a própria MPB e música instrumental da Bahia. Sem dúvidas, este é um instrumento importante do ponto de vista cultural e até mesmo econômico, já que a própria *Jazz Tree*, produto que inspirou a *Salvador Rock Tree*, é amplamente comercializada para turistas e habitantes locais nos Estados Unidos. Portanto, acredito que este material tenha o mesmo potencial, principalmente sendo o Brasil e a Bahia alvo de grande turismo e circulação por conta dos megaeventos sediados em nosso país.

A última e mais importante reflexão é: definitivamente, se eu acreditava no potencial desta cidade no que tange a produção de rock, agora eu não tenho nenhuma dúvida. Tentar construir uma visão global do que foi este processo de transformação ao longo dos anos, todo movimento de resistência e ciclos iniciados e terminados foi fascinante. Durante esta imersão no mundo das guitarras distorcidas nestes últimos 50 anos, aprendi muito sobre minha profissão, sobre como é trabalhar em condições nem sempre favoráveis e o quanto é gratificante alcançar objetivos depois de muita dedicação. Independentemente do que aconteça com este trabalho, sinto isto neste momento. É um orgulho tentar retratar, através do meu olhar sobre estes 50 anos de história, todo um legado musical e cultural, muitas vezes deixado à margem e aquém de sua grandiosidade.

Meu abraço e aperto de mão a todos os responsáveis por este trabalho ter tido a possibilidade de ser realizado. A todas estas pessoas, locais e movimentos, a essa grande entidade, esta manifestação cultural mundial que é o rock, todo o meu respeito.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, D. Waldir Serrão: a lenda esquecida do rock baiano. **Jornal A Tarde**, Salvador, 27 fev. 2012. Disponível em: <<http://caderno2mais.atarde.uol.com.br/?p=3712>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

ALEXANDRE, R. **Cheguei bem a tempo de ver o palco desabar: 50 causos e memórias do rock brasileiros (1993 – 2008)**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

ANDRADE, A. Estrela do rock nacional, cantora baiana Pitty lança DVD gravado no Rio. **Correio da Bahia**, 29 maio 2011. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-1/artigo/estrela-do-rock-nacional-cantora-baiana-pitty-lanca-dvd-gravado-no-rio/>>. Acesso em: 1 jun. 2012.

BRANDINI, V. **Cenários do rock: mercado, produção e tendências no Brasil**. São Paulo: Olho d'Água, Fapesp, 2007.

CAMPOS, C. M. **Guia de produção do rock**. 2011. Disponível em: <www.guiaproducaodorock.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2014.

CASTRO, Z. **A história do rock baiano: celeiro do gênero desde os anos 60**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.senhorf.com.br/revista/revista.jsp?codTexto=1389>>. Acesso em: 27 dez. 2013.

CHACON, P. **O que é rock?** Coleção Primeiros Passos. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1982.

FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FIGUEIREDO, S. **Pesquisa de opinião, públicos e mercado**. Apresentação. (Especialização em Comunicação Estratégica e Gestão da Marca) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

JANOTTI JR., J. **Aumenta que isso aí é rock and roll: mídia, gênero musical e identidade**. Rio de Janeiro: e-papers, 2003.

_____. **Mídia, música popular massiva e gêneros musicais: a produção de sentido no formato canção a partir de suas condições de produção e reconhecimento**. In: XV Compós, jun. 2006, São

Paulo. Disponível em: <http://www.unicap.br/gtpsmid/pdf06/jeder-janotti_jr.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2013.

JANOTTI JR., J; CARDOSO FILHO, J. A música popular massiva, o mainstream e o underground: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. In: **Comunicação & música popular massiva**. Salvador: Edufba, 2006.

MAIA, L. **Frente e verso**: a música e a rotina de cinco bandas do rock baiano. 2006. Dissertação (Graduação em jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

MORIZE, A. H. **Rock brasileiro da década de 50**. 23 dez. 1998. Disponível em: <<http://whiplash.net/materias/biografias/000087.html#.Ut82ufu5fIV>>. Acesso em: 10 já. 2014.

NOVA, L.; FERNANDES, T. **Baianidade**: mais definições em trânsito. 2006. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/BAIANIDADE.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

NUNES, E. Eduardo Scott: Gonorreia. **iBahia.com**, Entrevistas. 2005. Disponível em: <<http://ibahia.globo.com/entrevistas/artigos/default.asp?modulo=1990&codigo=125978>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

PRADO, G. S. **A juventude dos anos 80 em ação**: música, rock e crítica aos valores modernos. Revista Desenredos: Piauí, 2011.

REBOUÇAS, D. **O rock na Bahia**: uma construção de história social do rock. Revista de História, v. 1, n. 1, p. 103-118, 2009. Disponível em: <http://www.revistahistoria.ufba.br/2009_1/a07.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2014.

SACRAMENTO, E. **Rock baiano**: história de uma cultura subterrânea. [S.l.]: E-Books, 2002.

UCHÔA, S. **Políticas culturais na Bahia**: 1964 – 1987. 2006. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/arquivos/politicas_culturais_1964_1987_.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2012.

WIKIPEDIA. Enciclopédia livre. Site de conteúdos colaborativos. [s.d.] Disponível em: <<http://www.wikipedia.org>>. Acesso em: 9 jan. 2014.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

INFORMAÇÕES SOBRE O ENTREVISTADO (Informações; que o entrevistador deve preencher)

Nome:

Idade:

Como atua na cena baiana de rock:

Há quanto tempo atua na cena baiana de rock:

BLOCO 1- GERAL

BLOCO 2 - ESPECÍFICO

Perguntas Gerais:

- 1) Quem é você, o que faz?
- 2) O que é o rock?
- 3) O que você pensa sobre o rock feito na Bahia?
- 4) Quando foi seu primeiro contato com o rock daqui
- 5) Qual é a maior problemática da cena rock na Bahia?
- 6) Qual é o maior a maior virtude do rock na Bahia?
- 7) Qual a relação entre o rock baiano e o rock feito em outras partes do Brasil?
- 8) Quais são as tendências para a cena do rock na Bahia?

Perguntas específicas:

Por décadas: 50, 60, 70, 80, 90, 00.

- 1) Como você analisa a cena de rock dessa década? (50's)
 - Quais os movimentos ou estilos definiam a cena de rock dessa década?
 - Existiam tendências ou influências na produção de rock dessa década?
 - Quais bandas de rock foram referências nessa década?

- 2) Como você analisa a cena de rock dessa década? (60's)
 - Quais os movimentos ou estilos definiam a cena de rock dessa década?
 - Existiam tendências ou influências na produção de rock dessa década?
 - Quais bandas de rock foram referências nessa década?

- 3) Como você analisa a cena de rock dessa década? (70's)
 - Quais os movimentos ou estilos definiam a cena de rock dessa década?
 - Existiam tendências ou influências na produção de rock dessa década?
 - Quais bandas de rock foram referências nessa década?

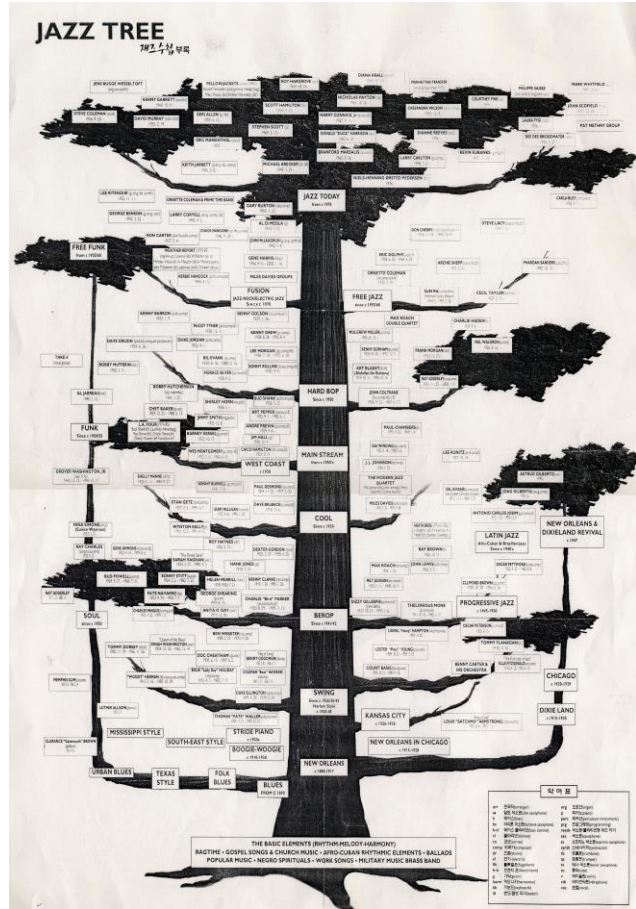
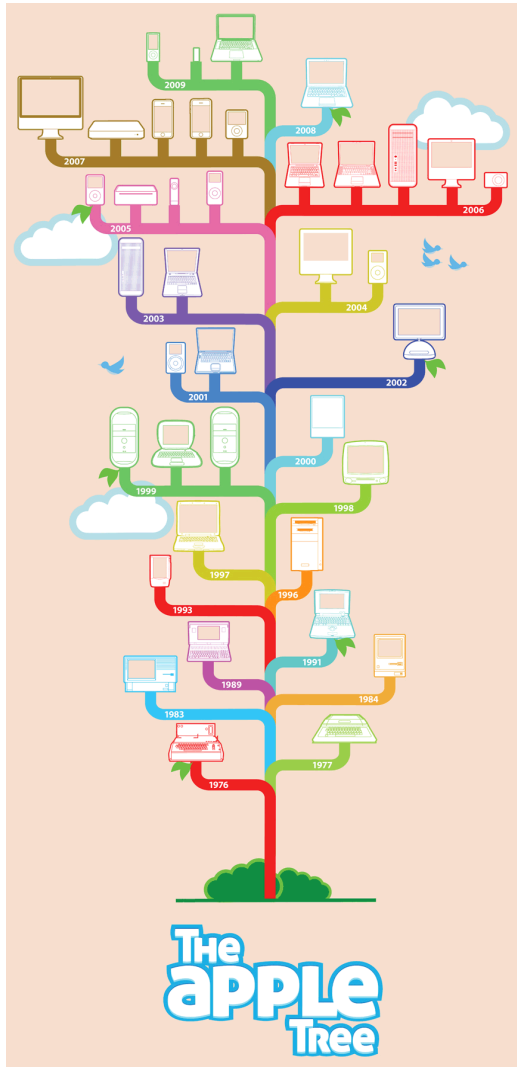
- 4) Como você analisa a cena de rock dessa década? (80's)
 - Quais os movimentos ou estilos definiam a cena de rock dessa década?
 - Existiam tendências ou influências na produção de rock dessa década?
 - Quais bandas de rock foram referências nessa década?

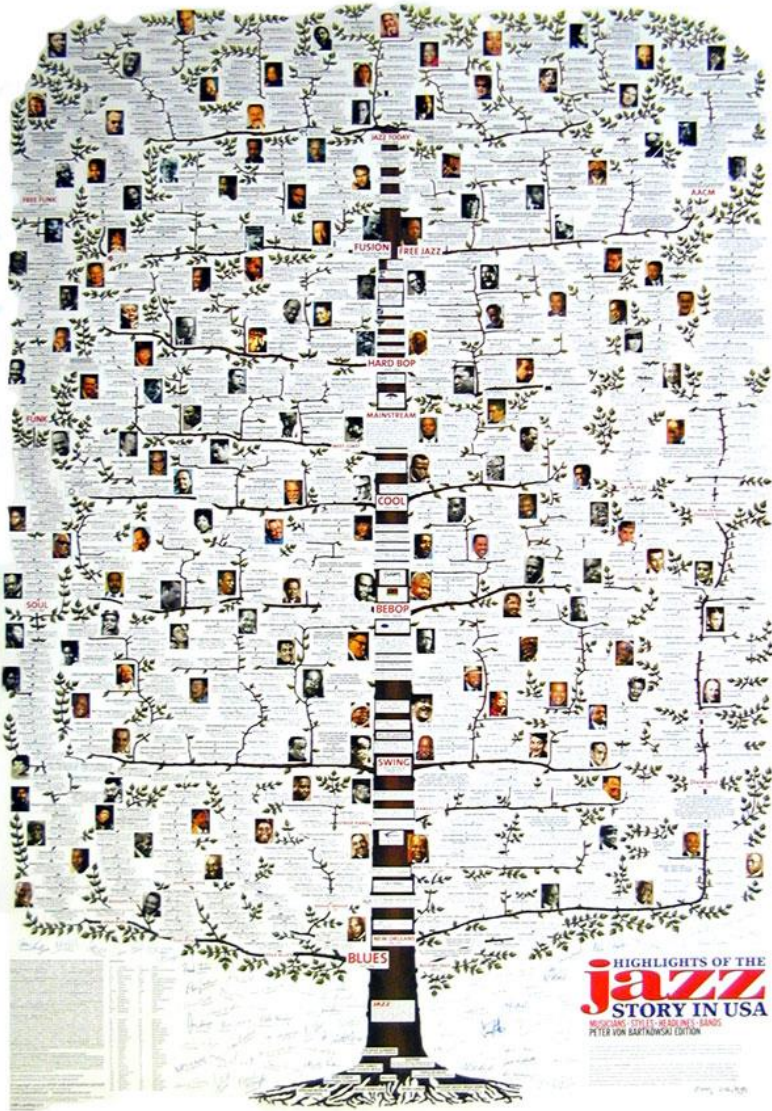
- 5) Como você analisa a cena de rock dessa década? (90's)
 - Quais os movimentos ou estilos definiam a cena de rock dessa década?
 - Existiam tendências ou influências na produção de rock dessa década?
 - Quais bandas de rock foram referências nessa década?

- 6) Como você analisa a cena de rock dessa década? (00's)
 - Quais os movimentos ou estilos definiam a cena de rock dessa década?
 - Existiam tendências ou influências na produção de rock dessa década?
 - Quais bandas de rock foram referências nessa década?

Considerações finais.

APÊNDICE B – Briefing para criação (imagens e inspirações)





APÊNDICE C – Lista de atores

➤ **Anos 50:**

1. *Waldir Serrão e seus cometas – banda – 1957;
2. “Só para Brotos” – programa da rádio Cultura – 1959;
3. **Cine Roma – Espaço cultural – 1957 – 1969**

➤ **Anos 60:**

1. Os relâmpagos do rock - banda – 1962 > Raul Seixas e os Panteras – banda – 1965 >
*Raul Seixas 1973 a 1989
2. Tv Itapoan – Rede de tv – 1960/61
3. Os minos – banda – 1966 a 1968
4. Os Cremes – banda – 1996 a S.I
5. *Tropicalistas - banda/movimento – 1968 a 1972
6. **Novos baianos – banda – 1969 a 1979**

➤ **Anos 70:**

1. *Mar Revolto – banda – 1973 a 1984
2. Teatro Vila Velha – espaço Cultural – década de 70
3. Teatro do Colégio ICEA – Espaço Cultural – década de 70
4. Faculdade de Arquitetura da UFBA – Espaço Cultural – Década de 70.
5. João Américo – operador de som – desde 1972 a D.A
6. Festival de Rock Contemporâneo e Música Progressiva - 1974
7. **Nuvens Negras – 1974**
8. ICBA – espaço Cultural – década de 70
9. Silvio Palmeira – produtor cultural - década de 70 a D.A

➤ **Anos 80:**

1. Delirium Tremens > 14º andar – banda – 1980 a 1990

2. Noites do Rock - festival - 11 de dezembro de 1982, no Forte de Santo Antônio
3. Rock Special – Programa de rádio, Aratu FM – 1983
4. *Camisa de Vênus – banda – 1980 - 1987 > 2010 a D.A
5. **Zona Abissal – banda – 1983 - 1995**
6. Espírito de Porco – banda – 1983 a 1984
7. Circo Troca de Segredos – Espaço Cultural, Ondina – 1983
8. Circo Relâmpago – Espaço Cultural, Pituba – 1982 a 1985
9. *Gonorréia – banda – 1983 – 1984
10. Cabo de Guerra – banda – 1983 a 1995
11. Dever de Classe – banda – 1984 – 1989
12. Ramal 12 – banda – 1985 a 1993
13. Krânio Metálico – banda – 1985 a 1993
14. **Via Sacra – banda – 1986 a 1991**
15. **Elite Marginal – banda – 1986 a 1991**
16. *Head Hunter D.C – banda - 1987 a D.A
17. Ulo Selvagem – banda - 1987 a até hoje
18. Trash Massacre – banda – década de 80
19. **Utopia – banda – segunda metade dos anos 80**
20. Doutrina decadente – banda – 1987 a 1992
21. **Mystifier – banda – 1989 a D.A**
22. *Treblinka – banda – 1987 a 1995;
23. Rock Conexão Bahia – Coletânea – 1989

➤ **Anos 90:**

1. Úteros em fúria* – banda- 1991 a 1995:
2. brincando de deus* - banda – 1992 –S.I :
3. Crac! – banda – 1990 – S.I
4. **Malefactor 1991 até a D.A.**
5. Meio Homem – banda – 1990 a S.I
6. Garage bands – Festival – 1992 a 2002
7. Síncopa – banda – 1992 até D.A:

8. Dr. Cascadura* 1992 a 2004 > Cascadura: 2004 a D.A
9. The Dead Bilies* - banda – 1993 a 2001
- 10. Festival Palco do Rock – festival - 1994 a D.A**
- 11. Lisergia – banda – 1994 a 2000**
- 12. Rogério BigBross – Produtor Cultural – 1994 D.A**
13. Shadows 1994 -1999 > Drearylands – banda – 1999 a 2006:
14. Saci Tric – banda – 1995 a S.I
15. Janquis – banda – 1995 a 2002
16. Penelope (Charmosa) – banda – 1995 a 2004
17. Dois Sapos e meio – banda – 1995 a 1999
18. Inkoma – banda 1995 a 2001 / Shes – banda – 1997 a 1999 > *Pitty – 2003 a D.A
- 19. Pastel de Miolos – banda – 1996 a D.A**
20. Catapulta – banda – 1997 a 2005:
- 21. The Honkers – banda – 1997 a D.A**
22. Boom Bahia Rock Festival – Festival – 97/98 > 07/08
23. Lampirônicos – banda - 1998 a S.I
- 24. Telefanzone – revista eletrônica especializada – 90's**
25. Circo Pícolino – Espaço Cultural – Corsário
26. Hotel Pelourinho – Espaço Cultural – Centro
27. Kripton – Espaço Cultural – Pituba
28. Faculdade de Economia da UFBA – Centro
29. Colé Merma – loja de discos
30. Banzai tattoo – loja de discos e tatuagem
31. Estopim Records – selo – 1999 a D.A

➤ **Anos 00:**

- 1. Cobalto – banda – 2000 até D.A**
2. Superfly – banda – 2000 a 2003
3. Scambo – banda – 2000 a 2006 > 2011 a D.A
4. Brinde – banda – 2001 a S.I
5. Soma – banda – 2001 a S.I

6. Starla – banda – 2002 a S.I
7. Frangote Records – selo - 2003 a D.A
8. *Canto dos Malditos na Terra do Nunca – banda – 2003 a 2007
9. Los Canos – banda – 2003 a 2008
10. Automata – banda – 2003 a 2012
11. Lou – banda – 2003 a 2009
12. *Ronei Jorge e os ladrões de bicicleta - banda – 2004 a 2010 > 2013 a D.A
13. Mirabolix – banda – 2004 a D.A
14. Sangria – banda – 2004 a S.I
15. Nitera – banda – 2005 a 2008
16. Blue House – espaço Cultural - 00' s
- 17. Elipê – banda – 2005 a 2009**
18. Cof-Damu – banda – 2005 a 2011
19. Ênio e a maloca – banda – 2005 a D.A
20. Café Calypso – espaço cultural – 00's
21. Idearium – espaço Cultural – 00's
22. Rock in Rio Café – espaço Cultural – 00's
- 23. Miss Modular – espaço cultural – 00's**
24. Boomerangue - espaço - 2006 a 2010
25. *Vivendo do Ócio – banda – 2006 a D.A
26. Minus Blindness – banda – 2006 a D.A
27. Paula Berbert – assessora de imprensa – 2006 a D.A
- 28. Os Irmãos da Bailarina – banda – 2007 a 2011**
29. Acord – banda – 2007 a S.I
30. Os jónsons – banda – 2007 a D.A
31. Quarteto de 5 – banda – 2007 a D.A
32. Yan-fat – banda – 2007 a D.A
33. Portela Café – casa de show – 2008 a D.A
34. Festival Big Bands – festival – 2008 a 2012
35. *Maglore – banda – 2009 a D.A

36. Vendo 147 – banda – 2009 a D.A

37. Loja Smile – vestimentas e acessórios – 00's

Legenda:

*Nome = banda que vai com foto para a árvore

Nome = nome em destaque com fonte maior na árvore

D.A – Dias atuais

S.I = Sem informação suficiente